

AS ANACREÔNTICAS E A IMAGEM DE ANACREONTE NA ANTIGUIDADE

CARLOS LEONARDO B. ANTUNES*

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo. A imagem que temos dos poetas gregos está intimamente ligada às histórias atribuídas a eles e às leituras que os antigos fizeram de sua poesia. A fim de delinear minimamente a imagem de Anacreonte, apresento uma tradução poética das chamadas *Anacreônticas*, uma coletânea de poemas à moda de (ou em homenagem a) Anacreonte, introduzidas por uma pequena seleção de poemas a respeito do poeta de Teos. Ainda que provavelmente sejam mais fruto de lenda do que de um relato fiel a respeito da vida e da pessoa do poeta, esses poemas são valiosos para vislumbrarmos o que poderia ser a ideia que se tinha de Anacreonte na antiguidade.

Palavras-Chave. Anacreonte, Anacreônticas, Lírica Grega, Tradução Poética.

D.O.I. 10.11606/issn.2358-3150.v17i1p109-149

AO APRESENTAR AS ANACREÔNTICAS EM UMA TRADUÇÃO POÉTICA E INTEGRAL, ofereço aqui um breve relato dos testemunhos que temos a respeito da vida e da pessoa de Anacreonte. Contrasto esses relatos com as leituras que os antigos fizeram de sua poesia, apontando para como a imagem de Anacreonte dentro de seus poemas estava intimamente ligada à imagem que se tinha dele enquanto indivíduo histórico. Ao escolher os testemunhos, dei preferência de reproduzir (e traduzir poeticamente) aqueles que eram também feitos em poesia, visto que configuram, de certo modo, uma espécie de extensão às próprias *Anacreônticas*. Começamos, então, com a vida do poeta.

Anacreonte nasceu na cidade jônia de Teos, na Ásia Menor, por volta da metade do século VI antes de Cristo. Por conta dos ataques de Harpago, general de Ciro, contra as cidades gregas da região, os habitantes de Teos se viram obrigados a fugir, tendo rumado para a Trácia, onde fundaram Abdera em 540 antes de Cristo. O fragmento 391¹ do próprio poeta talvez faça alusão a esse evento:

* Professor Adjunto I na UFRGS. Doutor em Letras Clássicas pela USP (2013), instituição pela qual também se formou Mestre na mesma área (2009) e Bacharel em Letras: Grego (2005).

** Artigo recebido em 5.nov.2015 e aceito para publicação em 29.jan.2016.

¹ Todas as numerações de fragmentos seguem a notação da Loeb.

Ora a coroa da pólis está perdida.

No verso em questão, nota-se a imagem da coroa (“στέφανος”) como uma metáfora para as muralhas de uma cidade, fato que é apontado no escólio pindárico (da *Olimpica* 8) de que o fragmento foi retirado. Contudo, ainda que seja tentador associar o verso a um ataque a Teos, não há provas de que esse tenha sido realmente o caso. A verdade é que a maior parte da biografia de Anacreonte, assim como comumente acontece com os demais poetas antigos, é difícil de se confirmar como autêntica. Os gregos tinham, com efeito, o costume de embelezar as histórias de suas personalidades famosas, de modo que, após alguns séculos, o fato histórico acabava se tornando indissociável dos mitos que se lhe imiscuíam.

Ainda sobre Abdera, há outro fragmento, o de número 505, que menciona a cidade:

Abdera, bela colônia dos homens de Teos.

Contudo, ele não nos auxilia muito mais na questão, tanto por sua brevidade, quanto por sua atribuição duvidosa a Anacreonte.

Apesar dessas incertezas, talvez não seja apenas lenda o próximo estágio da biografia de Anacreonte, pelo menos não em linhas gerais. Após os eventos mencionados a respeito de sua cidade natal, as fontes antigas colocam o poeta na corte de Polícrates, o tirano de Samos, cuja tirania vigorou de 533 a 522 antes de Cristo. Até esse ponto, a história é bastante razoável, visto que, de fato, os poetas e músicos antigos frequentemente se associavam a políticos e líderes importantes, a fim de gozar de sua proteção e recursos. A partir disso, no entanto, existe a história de que Esmerdes, um dos amados a que Anacreonte se refere em seus poemas, teria sido alguém da corte de Polícrates. Por si só, a informação é pouco significativa, mas a história vai mais longe: Esmerdes teria sido o favorito do tirano, segundo o que nos contam Ateneu (12.540e) e Estobeu (4.21.24). Por conta disso, quando o soberano notou que o poeta estava se aproximando demais do rapaz, teria ordenado que lhe cortassem os cabelos, fato a que Anacreonte teria feito menção no fragmento 414,

Mas cortaste essa perfeita flor dos teus cabelos,

e também no 347a,

[Era belo o viço jovem
Do teu rosto de menino,
Do cabelo que cobria
Teu pescoço delicado.

Ora te fizeram calvo:
 Teu cabelo se tombou
 Sobre rudes mãos e para o
 Chão se foi num monte escuro,

Tendo se tolhido ao ferro
 De uma lâmina. Logo eu sofro,
 Pois o que fazer se mesmo
 Pela Trácia se falhou?

Se considerarmos verídica a enorme fama de que Anacreonte teria gozado mesmo em vida por toda a Grécia (fato notável quando se tem em mente a dificuldade de locomoção e de transmissão de informação de sua época), não seria nada surpreendente que o poeta houvesse realmente passado alguns anos na corte de Polícrates. Afinal de contas, uma fama pan-helênica não se teria construído sem muitas viagens e associações ilustres. Uma das fontes (Himério, *Orações* 28.2), de fato, afirma que Anacreonte não só havia vivido na corte de Polícrates, mas também que sua poesia estava repleta de referências ao tirano. Infelizmente, isso é algo que não podemos comprovar, visto que temos apenas alguns poucos fragmentos do que deve ter sido uma vasta produção poética, distribuída em cinco livros, segundo testemunhos antigos, como afirma este epigrama (*Ant. Pal.* 9.239) dedicatório de Crinágoras:

Vem nesta caixa um quinteto de livros de lírica amáveis:
 Com os trabalhos sem par, inimitáveis na graça,
 De Anacreonte, que o velho agradável de Teos escreveu
 Junto do vinho ou então sob a instrução dos Desejos.
 Como um presente, viemos pro dia sagrado de Antónia,²
 Cuja beleza e saber vão muito além dos demais.

Apesar dessa perda da maior parte da obra de Anacreonte, em virtude do número de fontes que associam o poeta ao tirano e também da menção de que Anacreonte teria falado de Polícrates em seus poemas, é razoável assumir que o poeta tenha realmente passado algum tempo em Samos. Por sua vez, se sua disputa com o tirano pelo amor de Esmerdes foi fato histórico ou não, talvez seja uma dúvida que jamais tenhamos como sanar.

De uma forma ou de outra, após sua estadia na corte de Polícrates, encontramos Anacreonte em Atenas. De acordo com Platão (*Hiparco*, 228bc), Hiparco teria enviado um navio com cinquenta remadores para buscar o poeta, a fim de que se juntasse a corte de seu irmão, o tirano Hípias. Os

² Segundo Campbell (2001: 35 n.4), o poema deve se referir a Antónia, a Jovem, filha mais nova de Marco António e Octávia.

dois irmãos eram filhos de Pisístrato, famoso tirano ateniense e patrono das artes. Existe uma lenda de que os textos homéricos teriam se fixado por escrito pela primeira vez por iniciativa do tirano, que teria feito um grande concurso de rapsodos a fim de se registrar a mais bela versão da *Ilíada* e da *Odisseia*. Foi também em seu governo que o teatro passou a ser custeado pelo estado e incluso nas festas da cidade. Hípias e Hiparco parecem ter herdado esse interesse de seu pai, ou pelo menos a noção da importância de se associar com artistas e pensadores (tendência que seria emulada ainda por muitos políticos no futuro, como Péricles com Anaxágoras, Alcibiades com Sócrates, Dionísio de Siracusa com Platão, Alexandre com Aristóteles, etc.). De fato, esse mesmo trecho de Platão, em que se fala de Anacreonte sendo levado para Atenas, também menciona que Hiparco teria convencido Simônides, outro grande poeta da época, a manter contato constante consigo mediante alto pagamento.

Se for verdadeira essa associação dos dois poetas com Hípias e Hiparco, talvez também seja genuína a informação de que Anacreonte e Simônides tivessem se tornado próximos durante esse período. De fato, é atribuído a Simônides (Fr. Eleg. 67) um poema elegíaco na forma de um epitáfio para o poeta de Teos:

Este sepulcro acolheu o cantor oriundo de Teos,
 Anacreonte, que foi feito imortal pelas Musas.
 Tinham perfume semelhante ao das Graças, semelhante aos Amores,
 Todas suas doces canções feitas de amor aos garotos.
 Lá no Aqueronte só tem um incômodo, mas não é o fato
 De ter partido do sol para os domínios de Lete,
 Mas ter deixado Megistes pra trás, gracioso entre os jovens,
 Junto de sua paixão trágica, a paixão por Esmerdes.
 Ele porém continua a cantar sua melíflua canção:
 Mesmo no Hades jamais deixa sua lira dormir.

O poema tem uma temática toda anacreôntica, evocando as imagens das Musas, das Graças, de canções de amor, de perfume e de doçura. Os primeiros versos formulam o propósito do poema (um epitáfio) e o objeto a que ele se destina (Anacreonte), especificando, por fim, as características principais desse objeto (sua função como poeta, sua fama e a cidade de onde ele veio). Em seguida, mencionam-se dois dos mais famosos amores do poeta, Megistes e Esmerdes, para finalmente o poema se encerrar com a imagem de Anacreonte, no Hades, ainda cantando e tocando sua lira. Esta última imagem, aliás, é descrita de forma bastante peculiar: diz-se que, mesmo no Hades, ele não pôs ainda sua lira para dormir. Essa maneira de formular a ideia evoca uma temática sexual, do leito, como se a lira fosse um(a) amante em conúbio contínuo com o poeta, jamais lhe sendo permi-

tido dormir. O sono, portanto, aparece tanto como uma metáfora para o fim do canto (e o fim da vida), quanto como um artifício para reforçar a temática amorosa desse poema que celebra um poeta famoso justamente por suas canções de amor e por sua paixão sem fim.

Mais uma vez, no entanto, é duvidosa a veracidade histórica desse documento. Simônides foi, de fato, um célebre escritor de epítáfios. Justamente por isso, contudo, criou-se, ao longo dos séculos, uma tendência de se lhe atribuir a autoria de epítáfios quando não se sabia ao certo quem os havia composto. De uma forma ou de outra, o poema é interessante e nos ajuda a configurar a imagem que se tinha do poeta após sua morte.

O mesmo se dá com outro epítáfio (*Antologia Palatina* 7.27) escrito para o poeta, este marcadamente anacrônico, visto que seu autor, Antípatro de Sídon, famoso por compilar a lista das sete maravilhas do mundo antigo, viveu durante o segundo século antes de Cristo, ou seja, cerca de quatrocentos anos depois de Anacreonte:

Anacreonte, ó orgulho dos Jônios, em meio aos ditosos
 Que tu não fiques sem ter festas amáveis e a lira,
 Mas que tu cantes, com olhos lascivos e a voz incessante,
 A balançar tua flor sobre os cabelos ungidos,
 Endereçando teu canto pra Eurípilo, ou pra Megistes,
 Ou pros cabelos, então, cíconos de Esmerdes trácio,
 Doce vertendo teu vinho com Baco encharcando-te as vestes,
 De cujas dobras reflui néctar não-misto ao torceres,
 Pois, pra esses três, para as Musas, Dioniso e também para o Amor,
 A tua vida, ancião, se derramou como brinde.

A imagem de Anacreonte envelhecido é comum em fontes tardias, como vimos no caso do epigrama de Crinágoras e como ainda veremos adiante em outros casos. O tom do poema, um tanto quanto hiperbólico, também não deve ser estranhado. A ideia principal é a mesma do poema de Simônides: mesmo morto, Anacreonte continua sua vida boêmia, sem jamais abandonar a lira. No entanto, não se vê nele uma construção tão engenhosa como a vista no anterior. De fato, além do exagero (vinho impermisto, vestes encharcadas de vinho, olhos lascivos, etc.), a segunda intenção do poema parece ser com relação às referências históricas e literárias. A mais óbvia é a que concerne o cabelo de Esmerdes, cuja lenda discutimos anteriormente. Há outras duas possíveis referências também, ainda que menos óbvias e mais incertas do que a do cabelo de Esmerdes. A primeira é o voto para que Anacreonte não fique sem sua lira, o qual pode estar ligado ao próprio epítáfio de Simônides, visto acima, no qual vimos Anacreonte tocando sua lira ainda no Hades. Em segundo lugar, o vinho sem mistura pode ser que se reportasse a um fragmento de Anacreonte (Fr. 356) em que se fala de “bebedeira cítia”:

Vai, garoto, e traz para mim
 Uma taça, para que eu beba
 Sem resfolegar. Verte dez
 Jarras d'água e cinco de vinho,
 Para que eu de novo irrompa
 Com decoro em frenesi báquico.
 Vai de novo! Dessa forma em
 Meio ao frêmito e à gritaria,
 Bebedeira cítia com vinho
 Não façamos mais, mas com hinos
 Moderadamente bebamos.

Ainda que o poema se inicie com instruções para uma mistura na proporção de dois para um de vinho e água, a segunda metade dá indícios de que, até aquele ponto, o vinho estava se bebendo puro, à maneira cítia, bárbara. Talvez, então, Antípatro estivesse falando desse fragmento quando fala do vinho impermisto (ou de algum outro poema que não possuímos, onde a bebedeira de vinho puro fosse mencionada), ainda que seja igualmente possível, ou talvez até mais provável, que o vinho sem mistura seja apenas uma metáfora para a personalidade intensa que se atribuía, principalmente séculos depois de sua morte, a Anacreonte.

Voltando aos testemunhos, há outro trecho de Platão que conecta o poeta de Teos a Atenas. No *Cármides* (157e), o filósofo menciona que a casa de Crítias (da família de Sólon e do próprio Platão) havia sido honrada por Anacreonte. De fato, em um dos escólios (Schol. M. Aes. P. V. 128) ao *Prometeu Cadeeiro* de Ésquilo, menciona-se que Anacreonte teria se apaixonado por Crítias durante sua estadia em Atenas, onde teria também conhecido e apreciado a poesia trágica de Ésquilo. De Crítias, por sua vez, resta-nos um poema (Fr. 1) em hexâmetros, celebrando a figura de Anacreonte:

Teos trouxe à Grécia o cantor que teceu melodia em canções
 Pra celebrar as mulheres outrora, o gentil Anacreonte,
 Agitador quando em meio aos festins, sedutor de mulheres,
 Êmulo aos aulos, amigo das líras, gentil e sem dor.
 Nunca vai se envelhecer ou morrer o carinho por ti
 Desde que exista um menino que leve água e vinho mesclados
 Para as canecas, fazendo a partilha dos brindes à destra,
 Que a noite inteira performem seus ritos os coros de moças
 E permaneça por cima, no topo do cótabo, o disco,
 Filho do bronze, pra assim receber suas gotas de Brômio.

Assim como os epítáfios vistos acima, esse poema de Crítias parece ter sido feito após a morte de Anacreonte, o que se verifica tanto pela presença de “ποτε” (“certa vez”), logo no primeiro verso, quanto pela menção

da imortalidade do amor por Anacreonte, um tema próprio a epitáfios e elogios póstumos. Apesar da paixão lendária que Anacreonte supostamente tivera por Crítias, nada a esse respeito parece ser mencionado no poema, nem mesmo qualquer tipo de afeição do poeta por algum outro rapaz. Isso, certamente, não elimina a possibilidade de que seja realmente verdadeira a história do amor entre Anacreonte e Crítias, mas deixa de confirmá-la de modo mais conclusivo.

O poema tem três momentos principais: (I) a descrição das características de Anacreonte, (II) a asserção da imortalidade do amor pelo poeta e (III) a evocação de uma cena simposial. Esses três momentos e suas características se unem para criar a imagem do poeta elogiado. O ponto central de tudo é a relação de coexistência entre Anacreonte e o simpósio: ele é o cantor, o sedutor de mulheres, o instigador de banquetes, o adversário das flautas e amigo das liras. Enquanto houver um simpósio, haverá amor por Anacreonte. Metade do poema, de fato, é dedicada à descrição de um banquete, com um garoto carregando vinho misto em água (pois beber vinho puro, como vimos, era algo visto como bárbaro), coros de mulheres fazendo ritos sagrados, e a presença do cótabo, um jogo simposial em que se lançava o resto de vinho da taça rumo a um prato segurado por uma estatueta sobre uma haste. O objetivo do jogo era fazer com que o prato virasse e caísse num disco maior, fixado na mesma haste a meio caminho entre a estatueta e o chão, de modo a produzir um som típico.

Pouco mais é sabido a respeito da vida de Anacreonte. Ele parece ter vivido muito tempo, cerca de oitenta anos, e ter morrido de volta em sua pátria, em Teos. As fontes antigas nos contam que, mesmo idoso, ele continuou cantando sobre o amor e vivendo uma vida boêmia. De fato, essa é a imagem que se tem de Anacreonte em muitas das descrições e dos poemas antigos a seu respeito, como o seguinte, de Leônidas de Tarento (Fr. 31), que viveu no terceiro século antes de Cristo:

Anacreonte, esse idoso repleto de vinho e sem prumo:
Olha como ele se põe todo encurvado na pedra,
Como esse velho nos fita com olhos de intenso desejo,
Sempre deixando no chão rastros de manto aos seus pés.
Um dos sapatos se foi ao tomar um sopapo do vinho:
Causa de agora calçar um de seus pés só com rugas.
Canta a respeito da graça de Bátilo ou de Megistes.
Tendo a sua lira nas mãos, sempre ela enferma de amor.
Pai Dioniso, protege-o, pois não me parece correto um
Servo de Baco cair sob os efeitos de Baco.

Como se pode notar, o tom e o conteúdo do poema são muito semelhantes aos vistos anteriormente. Aparecem novamente as imagens do vi-

nho, da lira, dos amores do poeta, as interpelações a Dioniso, etc. Mais uma vez, também, vê-se Anacreonte como um idoso de espírito jovial. Essa, de fato, é a caracterização por meio da qual ele continuou a ser representado, ao longo dos séculos, em poemas feitos à sua moda ou em sua honra. A coleção desses poemas anônimos, que datam entre 100 e 600 depois de Cristo, é chamada desde a antiguidade de *Anacreônticas*, ainda que algumas fontes, erroneamente, a atribuíssem ao próprio Anacreonte. No entanto, os poemas das *Anacreônticas* não foram escritos no dialeto do poeta e apresentam licenças e usos de linguagem correspondentes a períodos bastante posteriores, de modo que não há dúvidas de que sejam espúrios.

Apesar de não terem sido compostos por Anacreonte, os poemas das *Anacreônticas* têm um duplo valor: como poesia e como documentação da imagem do poeta de Teos ao longo da antiguidade. Assim como os epitáfios e demais poemas vistos acima, eles podem nos dizer bem pouco ou quase nada a respeito do Anacreonte histórico. Porém, constituem uma forma de apreciação artística da figura e da obra de Anacreonte sob a forma de poesia. Isso, a meu ver, faz com que eles sejam tão importantes quanto se tivessem sido compostos pelo próprio poeta.

Quanto aos temas, alguns dos poemas foram escritos se endereçando a Anacreonte, como uma espécie de homenagem literária. O exemplo mais notório desse tipo de composição é o próprio poema que abre a coletânea (*Anacreônticas* 1):

Anacreonte, o cantor
De Teos me viu e falou
Comigo num dos meus sonhos.
Corri em sua direção,
Beijei-o e o abracei,
Pois mesmo velho era belo
E além de belo, amoroso,
Cheirando a vinho nos lábios.
E visto que ele tremia
O Amor tomava a sua mão.
Depois me deu a guirlanda
Que tinha sobre a cabeça:
Cheirava a Anacreonte.
Eu, tolo, então a aceitei:
Ergui-a e a pus sobre a testa.
E desde então nunca mais
Cessei de me apaixonar.

A guirlanda, uma das imagens centrais do poema, irá ainda aparecer em muitos outros poemas das *Anacreônticas* junto do vinho, das flores (em especial a rosa), do conjunto de divindades relacionadas à poesia e ao

amor (Eros, Afrodite, Dioniso, Musas, Graças, Apolo, etc.), além dos muitos amores de Anacreonte, tanto moços quanto moças. Ela (a guirlanda) é um dos símbolos mais importantes das *Anacreônticas*, pois se configura como uma espécie de figurino de culto: tão logo o indivíduo coroa sua cabeça com uma guirlanda, ele se torna apto a abandonar as preocupações mundanas e desfrutar dos prazeres que os deuses do vinho, do amor e da música têm a lhe oferecer. Ademais, os versos são simples e sem grandes pretensões, uma característica comum a quase todos os poemas da coletânea.

Além dos poemas em que o poeta se dirige a Anacreonte, há aqueles ainda em que o escritor assume a identidade do poeta de Teos. Um exemplo deste tipo de poema é o de número 7:

As moças sempre dizem:
 “Anacreonte, és velho!
 Vai ver nalgum espelho:
 Já foi o teu cabelo,
 Tua testa está pelada!”
 Não sei se meu cabelo
 Se foi ou permanece,
 Mas sei é que conforme
 A Moira se aproxima
 É mais apropriado
 Que o velho se divirta.

Além do fato mencionado, de o eu lírico assumir uma máscara anacreôntica ao se expressar, vemos também a temática do *carpe diem*, a qual também será abordada de forma exaustiva em outros poemas do *corpus*, exaltando os prazeres da vida e execrando as preocupações com o futuro num convite à festividade, à brincadeira (em sentido amorosa) e à bebida.

Por ter sido composta por uma variedade de poetas, às vezes pode-se ter uma sensação de esquizofrenia ao ler as *Anacreônticas*. Na maioria dos poemas sobre o vinho, o eu lírico dá mostras de uma intensidade de sentimento sem limites, como nos versos iniciais da nona Anacreôntica:

Permita-me, em nome dos deuses,
 Beber, beber sem respirar:
 Eu quero, eu quero enlouquecer.

Por outro lado, no segundo poema do *corpus*, nota-se uma preocupação com os limites da bebedeira:

Traz-me as taças dos costumes,
 Traz-me as leis mescladas nelas,
 Pra que eu dance embriagado
 Com sensata insanidade

É interessante notar, contudo, que essa preocupação com os limites da loucura é um *topos* anacreôntico, presente no fragmento 356 do poeta, no qual o eu lírico recusa uma bebedeira aos moldes bárbaros (com vinho impermisto), elegendo, em vez disso, uma mistura mais adequada de água e vinho:

Bebedeira cítia com vinho
 Não façamos mais, mas com hinos
 Moderadamente bebamos.

Outra temática bastante comum nas *Anacreônticas* se centra em considerações acerca da arte de compor poesia, como se percebe no poema de número 60(a):

Eu farei as cordas vibrarem,
 Não por conta de um campeonato,
 Mas por ser uma arte que todos
 Os poetas devem saber.

Uma derivação desse tema é aquele que trata da especificidade dos temas eleitos pelo poeta. Um exemplo claro disso é a segunda anacreôntica, em que o poeta pede pela excelência de Homero, porém não pelos seus temas bélicos, mas, sim, pelos de cunho dionisiaco. Na quarta anacreôntica, ocorre algo semelhante, quando se pede a Hefesto que forje não uma armadura, mas uma taça. Finalmente, talvez o mais célebre poema a esse respeito seja o de número 23, onde ocorre uma confissão (retórica decerto) de que o poeta tentara falar sobre os temas da épica, mas que sua lira se recusava, mesmo depois de trocadas as cordas, a soar com quaisquer notas que não fossem afinadas para o amor.

O amor, o vinho e as artes das musas também são defendidos em detrimento do ouro e das preocupações com a vida. O mais notório poema a esse respeito é o de número 8, onde o poeta diz que não lhe “importa a fortuna / de Giges”, um rei da rica Lídia, e que não tinha inveja dos tiranos. Porém, muitos outros poemas também abarcam esse tema ao longo do *corpus*, como, por exemplo, os de número 36 e 42. No primeiro, o poeta aponta para a falta de sentido de guardar ouro, visto que não é possível subornar a Morte com ele:

Se a Riqueza oferecesse
 Vida pros mortais por ouro,
 Com zelo eu o guardaria,
 Pra que quando viesse a Morte
 Lhe pagasse e fosse embora.
 No entanto, como os mortais
 Não podem comprar a vida,
 Para que sofrer em vão?

No segundo, ele renega qualquer participação do vinho em atos de contenda:

Eu fujo das velozes lanças
De línguas dadas ao abuso.
Detesto brigas junto ao vinho.

Apesar dessa defesa do amor, as anacreônicas a respeito de Eros, em geral, demonstram uma relação ambígua com o deus, que causa “a melhor loucura de todas”, como dito no poema 60b, mas que também é visto surrando o eu lírico com um ramo de jacinto (*Anacreônica* 31). No poema de número 29, o poeta descreve a relação com o amor de modo bastante eloquente:

É bem difícil não amar.
É bem difícil amar também.
Mas mais difícil do que tudo
É quando o amor fraqueja e falha.

A representação de Eros é sempre como a de um bebê gracioso e brincalhão, porém armado com setas que trazem dor ao coração dos mortais, as quais ele parece usar com total descaso em relação ao que resultará disso. No poema de número 33, vemos Eros chegando à noite na casa do eu lírico e pedindo-lhe abrigo. Apiedado, o personagem do poeta o deixa entrar, visto que é apenas um bebê. Porém, depois de seco e aquecido junto à lareira, Eros decide testar seu arco nele:

“Vem!”, ele disse. “Vem testar
Meu arco para ver se a corda
Acaso se estragou na chuva!”
Armou a flecha e me acertou
No meio do meu coração.
Depois, pulando e rindo, disse:
“Amigo, alegre-te comigo!
Meu arco está ileso, mas
Teu coração irá doer!”

Já no de número 35, Eros é picado por uma abelha e corre para chorar suas dores junto a Afrodite, que não deixa de ver a ironia da situação, visto que o deus é constantemente o autor de ferimentos mais duros nos mortais:

“Mataram-me, mãe!” ele disse.
“Mataram-me! Ai, estou morrendo!
Uma cobrinha voadora
Me picou! Aquela chamada
De abelha pelos camponeses!”
E ela respondeu: “Se o ferrão
Da abelha dói dessa maneira,

Que dor tu pensas que eles sentem,
Amor, por conta de tuas flechas?"

Talvez o poema mais eloquente a respeito do descaso de Eros com o resultado de suas brincadeiras seja o de número 59, quando o deus é apresentado em associação a Dioniso, numa combinação funesta:

Por sua vez, o Amor [quando bebe]
Faz feitiços fora do tempo:
Uma esposa trai seu marido
E um rapaz que falha em seu flerte
Toma a moça contra a vontade.

Há ainda uma grande quantidade de poemas em que o poeta interpela algum tipo de artesão (pintor, escultor ou ferreiro), pedindo-lhe que faça alguma obra de arte. Os mais notáveis poemas nesse sentido são os de número 16 e 17, nos quais o eu lírico pede para que um pintor pinte, respectivamente, um amor do sexo feminino e um do masculino. Existe também uma variação desse tema, onde todo o discurso do poema gira em torno de alguma peça de arte que tem um significado especial para o eu lírico, como, por exemplo, no poema de número 11, onde o personagem do poeta compra uma estatueta do Amor e ameaça de jogá-la ao fogo se a estatueta não lhe acender um fogo (da paixão) nele mesmo:

Amor, agora trata de
Me pôr em chamas, senão tu
É que derreterás no fogo.

Há ainda o grupo de poemas que, para nós, são mais próximos de nossa ideia de poesia lírica, com demonstrações de amor romântico. Um dos mais belos desse tipo é o de número 22:

Certa vez a filha de
Tântalo se fez em pedra
Junto das montanhas frígias.
Certa vez a filha de
Pândio foi voando ao longe,
Transformada em andorinha.
Quem me dera se eu pudesse
Transformar-me num espelho,
Pra que tu me olhasses sempre;
Ou talvez em túnica,
Pra que sempre me vestisses;
Ou então fazer-me em água,
Com a qual te lavarias;
Ou virar algum perfume,
Dama, e assim te perfumava;

Uma echarpe pro teu peito;
 Pérola pro teu pescoço;
 Ou enfim uma sandália –
 Só teus pés me pisariam!

Ele se abre com relatos míticos a respeito de pessoas que, no passado, foram capazes de mudar de forma. A ideia, então, é usada pelo eu lírico para sonhar com a possibilidade de mudar em algum objeto que pudesse estar em contato próximo com a mulher amada, mesmo que para isso tivesse de ser suas sandálias, pois estaria contente de ser pisado, desde que fosse somente por seus pés.

Por fim, há os poemas que falam da velhice, os quais, geralmente, insistem na necessidade ainda maior de se gozar dos prazeres da vida quando velho. Um exemplo sintético desse tema se encontra no poema de número 7 (já visto acima) e no de número 39:

Amo um velho que é gentil;
 Amo um jovem dançarino;
 E, se um homem velho dança,
 Ele é velho em seus cabelos,
 Mas é novo em coração.

A presente tradução procura traduzir as *Anacreônticas* de modo *poético, i. e.*, tentando reproduzir (por imitação ou por alguma forma de compensação) a riqueza de elementos formais, figuras de linguagem, imagens e outros artifícios empregados pelo(s) poeta(s) do *corpus*.

Mantive, tanto quanto possível a *isostiquia*³ (mesma quantidade de versos dos poemas originais), mas por vezes isso foi deixado de lado quando a clareza ou a beleza do poema em Português me pareceu ficar comprometida. As traduções são regidas por *metrismo* (todas seguem algum metro), sendo que os metros empregados na tradução foram redondilhas menores, redondilhas maiores e octossílabos. Esse metrismo, contudo, não é *unívoco* (traduzo um mesmo metro grego por qualquer um dos três metros portugueses supracitados); em alguns poemas, tentei imitar mais fielmente o ritmo do texto grego (por exemplo: na tradução do hemiambo por redondilhas menores em certas anacreônticas),⁴ mas de modo geral escolhi o metro ou que parecesse mais adequado para abarcar o conteúdo semântico do

³ Adoto a nomenclatura, muito conveniente, proposta por Oliva Neto (2010), introduzindo por conta própria o termo “isologia” para descrever a tradução preocupada em (procurar tanto quanto possível, evidentemente) se ater às imagens e ao conteúdo semântico do poema original, em oposição à recriação livre, à transcrição etc.

⁴ A esse respeito, ver Antunes 2014.

texto, ou cujo andamento soasse mais apropriado à sua especificidade. Respeitei *isomorfia estrófica* (não criando estrofes onde elas não existiam nem as suprimindo onde constavam), *isomorfia rímica* (não adicionando rimas onde não existiam), *isomorfia elocutiva* (mantendo o mesmo tipo de registro, alto ou baixo, do original) e, tanto quanto possível, *isologia* (traduzir imagens e conteúdos semânticos tais quais se mostram no original).

O texto grego é o da edição de Campbell (2001).

AS ANACREÔNTICAS

1

Ἀνακρέων ἰδὼν με
ὁ Τῆμος μελωδὸς
ὄναρ λέγων προσεῖπεν,
κάγῳ δραμιῶν πρὸς αὐτὸν
περιπλάκην φιλήσας,
γέρων μὲν ἦν, καλὸς δέ,
καλὸς δὲ καὶ φίλευνος·
τὸ χεῖλος ὤζεν οἴνου,
τρέμοντα δ' αὐτὸν ἤδη
Ἔρωσ ἐχειραγῶγει.
ὁ δ' ἔξελὼν καρήνου
ἔμοι στέφος δίδωσι·
τὸ δ' ὦζ' Ἀνακρέοντος,
ἐγὼ δ' ὁ μωρὸς ἄρας
ἐδησάμην μετώπῳ·
καὶ δῆθεν ἄχρι καὶ νῦν
ἔρωτος οὐ πέπαυμαι.

Anacreonte, o cantor
De Teos me viu e falou
Comigo num dos meus sonhos.
Corri em sua direção,
Beijei-o e o abracei,
Pois mesmo velho era belo
E além de belo, amoroso,
Cheirando a vinho nos lábios.
E visto que ele tremia
O Amor⁵ tomava a sua mão.
Depois me deu a guirlanda
Que tinha sobre a cabeça:
Cheirava a Anacreonte.
Eu, tolo, então a aceitei:
Ergui-a e a pus sobre a testa.
E desde então nunca mais
Cessei de me apaixonar.

2

δοῦτε μοι λύρην Ὀμήρου
φονίης ἀνευθε χορδῆς,
φέρε μοι κύπελλα θεσμῶν,
φέρε μοι νόμους κεράσσας,
μεθύων ὅπως χορευῶ,
ὑπὸ σώφρονος δὲ λύσης
μετὰ βαρβίτων αἰείδων
τὸ παροίνιον βοήσω.
δοῦτε μοι λύρην Ὀμήρου
φονίης ἀνευθε χορδῆς.

Dá-me a lira de Homero
Sem a corda de assassínio.
Traz-me as taças dos costumes,
Traz-me as leis mescladas nelas,
Pra que eu dance embriagado
Com sensata insanidade
E acompanhe a lira em canto,
Entoando o som do vinho.
Dá-me a lira de Homero
Sem a corda de assassínio.

⁵ Por vezes mantive “Eros” como o nome do deus, mas por vezes (como aqui) também o substituí por “Amor”, em vista de alguma necessidade métrica ou preferência sonora.

3

ἄγε, ζωγράφων ἄριστε,
 λυρικήσ ἄκουε Μούσης·
 γράφε τὰς πόλεις τὸ πρῶτον
 ἰλαράσ τε καὶ γελώσας,
 † φιλοπαίγμονάσ ἐναύλουσ· †
 ὁ δὲ κηρὸσ ἂν δύναιτο,
 γράφε καὶ νόμουσ φιλοῦντων.

Vinde, mestre dos pintores,
 E escutai a Musa lírica:
 Desenhai primeiro as pólis,
 Jubilosas e risonhas,
 Com bacantes brincalhonhas
 Carregando flautas duplas.
 Caso ao fim sobrar-vos tinta,
 Desenhai o amor em curso.

4

τὸν ἄργυρον τορευῶν
 Ἕφαιστέ μοι ποιήσον
 πανοπλίαν μὲν οὐχί·
 τί γάρ μάχαισ κάμοί;
 ποτήριον δὲ κοῖλον
 ὅσον δύνη βαθύνας.
 ποίει δέ μοι κατ' αὐτοῦ
 μήτ' ἄστρα μήτ' Ἄμαξαν,
 μὴ στυγνὸν Ὠρίωνα.
 τί Πλειάδων μέλει μοι,
 τί γάρ καλοῦ Βοώτου;
 ποιήσον ἀμπέλουσ μοι
 καὶ βότρυασ κατ' αὐτῶν
 καὶ μαινάδασ τρυγώσας,
 ποίει δὲ ληνὸν οἴνου,
 ληνοβάτασ πατοῦντασ,
 τοὺσ σατύρουσ γελώντασ
 καὶ χρυσοῦσ τοῦσ Ἔρωτασ
 καὶ Κυθήρην γελώσαν
 ὁμοῦ καλῶ Λυαίω,
 Ἕρωτα κάφροδίτην.

Trabalha a tua prata,
 Hefesto e uma armadura
 Pra mim não faças, não.
 Que tenho a ver com lutas?
 Mas antes faz-me um copo
 Tão fundo quanto der.
 Não ponhas nele, entanto,
 Estrelas: nem a Ursa
 Nem Órion brilhante.
 Por que me importariam
 As Plêiades, Boieiro?
 Põe vinhas para mim
 Com cachos de uva nelas
 E Bacas pra as colherem.
 Põe homens amassando
 As uvas com seus pés
 E sátiros que riem
 E Amores feitos de ouro
 E o riso da Citéria⁶
 E de Lieu⁷ formoso
 E de Eros e Afrodite.

5

καλλιτέχνα, τόρευσον
 ἕαροσ κύπελλον ἤδη·
 τὰ πρῶτ' ἡμῖν τὰ τερπνά
 ρόδα φέρουσιν Ὀραι·
 ἀργῦρεον δ' ἀπλώσασ
 ποτὸν ποίει μοι τερπνόν.

Belo artesão, forja pra mim
 Uma taça primaveril –
 As Horas trazem já as primeiras
 Rosas pra nós, encantadoras!
 Martela fina a prata e faz
 Também meu drinque encantador!

⁶ Tomei a liberdade de usar “Citéria” em vez de “Citereia”, como geralmente se faz, em virtude do primeiro termo ser mais fácil de manusear dentro de metros tão curtos.

⁷ Outro nome (mais tardio) para Dioniso.

τῶν τελετῶν παραινῶ
 μὴ ξένον μοι τορευῆσαι,
 μὴ φευκτὸν ἰστορήμα·
 μᾶλλον ποίει Διὸς γόνον,
 Βάκχον Εὐϊον ἡμῖν.
 μύστις νάματος ἢ Κύπρις
 ὑμεναίους κροτοῦσα·
 χάρασσ' Ἐρωτας ἀνόπλους
 καὶ Χάριτας γελώσας·
 ὑπ' ἄμπελον εὐπέταλον
 εὐβότρυν κομῶσαν
 σύναπτε κούρους εὐπρεπεῖς,
 ἄν μὴ Φοῖβος ἀθύρη.

Dos ritos, solicito que
 Não graves algo do estrangeiro –
 Nenhuma história detestável.
 Mas antes algo sobre o filho
 De Zeus: um conto de Évio, Baco.
 Põe Cípris lá, batendo palmas,
 Marcando o tempo do himeneu.
 Entalha Amores desarmados
 E as Graças a sorrir e rir.
 Sob uma vinha bem folhada,
 Coberta em cachos bem fornidos,
 Coloca jovens bem formosidos,
 Mas não se Febo brinca lá.

6

στέφος πλέκων ποτ' εὗρον
 ἐν τοῖς ῥόδοις Ἐρωτα,
 καὶ τῶν πτερῶν κατασχῶν
 ἐβάπτισ' εἰς τὸν οἶνον,
 λαβῶν δ' ἔπινον αὐτόν·
 καὶ νῦν ἔσω μελῶν μου
 πτεροῖσι γαργαλίξει.

Trançando uma guirlanda
 Um dia eu encontrei
 O Amor em meio às rosas.
 Peguei-o pelas asas,
 Joguei-o no meu vinho
 E então eu o ingeri.
 Agora as suas asinhas,
 Por dentro do meu corpo,
 Dão cócegas em mim.

7

λέγουσιν αἱ γυναῖκες·
 «Ἀνάκρεον, γέρων εἰ-
 λαβῶν ἔσοπτρον ἄθρει
 κόμας μὲν οὐκέτ' οὐσας,
 ψιλὸν δέ σευ μέτωπον.»
 ἐγὼ δὲ τὰς κόμας μὲν,
 εἴτ' εἰσὶν εἴτ' ἀπήλθον,
 οὐκ οἶδα· τοῦτο δ' οἶδα,
 ὡς τῷ γέροντι μᾶλλον
 πρέπει τὸ τερπνὰ παίειν,
 ὄσω πέλας τὰ Μοίρης.

As moças sempre dizem:
 “Anacreonte, és velho!
 Vai ver nalgum espelho:
 Já foi o teu cabelo,
 Tua testa está pelada!”
 Não sei se meu cabelo
 Se foi ou permanece,
 Mas sei é que conforme
 A Moira se aproxima
 É mais apropriado
 Que o velho se divirta.

8

οὐ μοι μέλει τὰ Γύγεω,
 τοῦ Σάρδεων ἄνακτος·
 οὐδ' εἰλέ πῶ με ζῆλος,
 οὐδὲ φθονῶ τυράννοις.

Não me importa a fortuna
 De Gíges, rei de Sardes.
 Eu nunca o invejei,
 Nem a nenhum tirano.

ἐμοὶ μέλει μύροισιν
καταβρέχειν ὑπήνην,
ἐμοὶ μέλει ῥόδοισιν
καταστέφειν κάρηνα·
τὸ σήμερον μέλει μοι,
τὸ δ' αὔριον τίς οἶδεν;
ὡς οὖν ἔτ' εὐδι' ἔστιν,
καὶ πίνε καὶ κύβευε
καὶ σπένδε τῷ Λυαίῳ,
μὴ νοῦσος, ἦν τις ἔλθῃ,
λέγῃ, 'σὲ μὴ δεῖ πίνειν.'

Importa-me molhar
A barba com perfume.
Importa-me cingir
Com rosas a cabeça.
O agora é o que me importa.
Quem sabe o amanhã?
Enquanto o tempo é bom,
Portanto, bebe e brinca,
Libando pra Lieu.
Não chegue uma doença
E diga: "Já não puedes."

9

ἄφες με, τοὺς θεοὺς σοι,
πιεῖν, πιεῖν ἄμυστί·
θέλω, θέλω μανῆναι.
ἐμαίνετ' Ἀλκμαίων τε
χῶ λευκόπους Ὀρέστης
τὰς μητέρας κτανόντες·
ἐγὼ δὲ μηδένα κτάς,
πῶν δ' ἔρυθρὸν οἶνον
θέλω, θέλω μανῆναι.
ἐμαίνετ' Ἡρακλῆς πρὶν
δεινὴν κλονῶν φαρέτρην
καὶ τόξον Ἰφίτειον.
ἐμαίνετο πρὶν Αἴας
μετ' Ἀσπίδος κραδαίνων
τῆν' Ἐκτορος μάχαιραν·
ἐγὼ δ' ἔχων κύπελλον
καὶ στέμμα τοῦτο χαίτης,
οὐ τόξον, οὐ μάχαιραν,
θέλω, θέλω μανῆναι.

Permita-me, em nome dos deuses,
Beber, beber sem respirar:
Eu quero, eu quero enlouquecer.
Enlouquecera Alcmeão,
Bem como Orestes brancos-pés,
Após matar a sua mãe –
Bebendo o vinho rubro entanto
Sem ter ninguém assassinado
Eu quero, eu quero enlouquecer.
Enlouquecera Hércules
Brandindo a sua terrível aljava
Ao lado do arco de Ífito.
Enlouquecera também Ájax
Ao manejar o seu escudo
E a espada que de Heitor ganhara.
Mas eu, tomando a minha taça
E com guirlandas nos cabelos,
Não tendo arco nem espada,
Eu quero, eu quero enlouquecer.

10

τί σοι θέλεις ποιήσω,
τί σοι, λάλη χελιδόν;
τὰ ταρσά σευ τὰ κοῦφα
θέλεις λαβῶν ψαλιῶ;
ἢ μᾶλλον ἔνδοθὲν σευ
τὴν γλῶσσαν, ὡς ὁ Τηρεὺς
ἐκείνος, ἐκθερίζω;
τί μευ καλῶν ὄνειρων
ὑπορθρίασι φωναῖς
ἀφῆρησας Βάθυλλον;

O que queres que eu te faça,
Andorinha barulhenta?
Que eu encontre uma tesoura
E te corte as tuas asas?
Ou então do interior
Da boca eu te arranque a língua
À maneira de Tereu?
Por que Bátilo levaste
Para longe dos meus sonhos
Com teu canto matinal?

11

Ἔρωτα κήρινόν τις
 νεηνίης ἐπώλει·
 ἐγὼ δέ οἱ παραστάς
 ‘πόσου θέλεις’ ἔφην ‘σοὶ
 τὸ τευχθέν ἐκπρίωμαι,
 ὁ δ’ εἶπε δωριάζων
 ‘λάβ’ αὐτόν, ὀππόσου λῆς.
 ὅπως <δ’> ἂν ἐκμάθῃς πᾶν,
 οὐκ εἰμὶ κηροτέχνας,
 ἀλλ’ οὐ θέλω συνοικεῖν
 Ἔρωτι παντορέκτα.
 ‘δὸς οὖν, δὸς αὐτόν ἡμῖν
 δραχμῆς, καλὸν σύννευον.’
 Ἔρωτος, σὺ δ’ εὐθέως με
 πύρωσον· εἰ δὲ μή, σὺ
 κατὰ φλογὸς τακῆσι.

Um jovem vendia uma estátua
 Do Amor esculpido na cera.
 Parei junto dele e então
 “Por quanto” lhe disse “tu queres
 Vender o teu artesanato?”
 Em Dório ele me respondeu:
 “Por quanto quiseres pagar.
 Pra bem da verdade, confesso:
 Nem sei trabalhar com a cera;
 Apenas não quero viver
 Ao lado do Amor, o vilão.”
 “Dá aqui! Dá-me aqui e toma um dracma.
 Será um bonito consorte.”
 Amor, vai tratando de pôr-
 Me em chamas senão serás tu
 Quem vai derreter lá no fogo.”

12

οἱ μὲν καλὴν Κυβήβην
 τὸν ἡμίθηλον Ἄττιν
 ἐν οὖρεσιν βοῶντα
 λέγουσιν ἐκμανῆναι.
 οἱ δὲ Κλάρου παρ’ ὄχθαις
 δαφνηφόνοιο Φοίβου
 λάλον πίνοντες ὕδωρ
 μεμνηότες βοῶσιν.
 ἐγὼ δὲ τοῦ Λυαίου
 καὶ τοῦ μύρου κορεσθεῖς
 καὶ τῆς ἐμῆς ἑταίρης
 θέλω, θέλω μανῆναι.

Alguns dizem que, pela bela
 Cibele, o meio-fêmeo Átis,
 Soltando gritos nas montanhas,
 Enlouqueceu completamente.
 Há quem beba as águas loquazes
 De Febo, portador de louros,
 Na margem elevada em Claros,
 E enlouquecendo solte gritos.
 Mas eu só quero a minha dose
 De Lieu, mais o meu perfume
 E também a minha garota
 E eu quero, eu quero enlouquecer.

13

θέλω, θέλω φιλήσαι.
 ἐπειθ’ Ἔρωτος φιλεῖν με·
 ἐγὼ δ’ ἔχων νόημα
 ἄβουλον οὐκ ἐπέισθην.
 ὁ δ’ εὐθὺ τόξον ἄρας
 καὶ χρυσέην φαρέτρην
 μάχη με προὔκαλεῖτο.
 κάγῳ λαβῶν ἐπ’ ὤμων
 θώρηχ’, ὅπως Ἀχιλλεύς,
 καὶ δοῦρα καὶ βοεῖην
 ἐμαρνάμην Ἔρωτι.
 ἐβαλλ’, ἐγὼ δ’ ἔφευγον.

Eu quero, eu quero amar alguém.
 O Amor urgiu pra que eu amasse,
 Porém fui insensível no
 Pensar e não obedeci.
 De pronto o Amor então tomou
 Seu arco e sua aljava áurea
 E me chamou para lutar.
 Vesti, então, por sobre os ombros
 Meu corselete, feito Aquiles.
 Tomei a lança e meu escudo
 E fui à luta contra o Amor.
 Ele atirava. Eu me esquivava.

ὡς δ' οὐκέτ' εἶχ' ὀιστούς,
ἦσθαλλεν, εἴτ' ἑαυτὸν
ἀφήκεν εἰς βέλεμον·
μέσος δὲ καρδῆς μευ
ἔδυνε καὶ μ' ἔλυσεν·
μάτην δ' ἔχω βοεῖην·
τί γὰρ βάλωμεν ἔξω,
μάχης ἔσω μ' ἐχούσης;

Por fim, quando se viu sem flechas,
Ficou nervoso e arremessou-se
Como se fosse algum projétil.
Feriu-me bem no coração
E fez lassarem-se meus membros.
Meu armamento é todo em vão.
Pra que lançar pra longe a lança
Se travo a luta dentro em mim?

14

εἰ φύλλα πάντα δένδρων
ἐπίστασαι κατειπεῖν,
εἰ κύματ' οἶδας εὐρεῖν
τὰ τῆς ὀλης θαλάσσης,
σὲ τῶν ἐμῶν ἐρώτων
μόνον ποῶ λογιστήν.
πρῶτον μὲν ἐξ Ἀθηνῶν
ἔρωτας εἴκοσιν θές
καὶ πεντεκαίδεκ' ἄλλους,
ἔπειτα δ' ἐκ Κορίνθου
θές ὄρμαθούς ἐρώτων·
Ἀχαΐης γάρ ἐστιν,
ὅπου καλαὶ γυναῖκες,
τίθει δὲ Λεσβίου μοι
καὶ μέχρι τῶν Ἰώνων
καὶ Καρίας Ῥόδου τε
δισχιλίους ἔρωτας·
τί φῆς; ἐκηριώθης;
οὐπω Σύρους ἔλεξα,
οὐπω πόθους Κανώβου,
οὐ τῆς ἅπαντ' ἐχούσης
Κρήτης, ὅπου πόλεσιν
Ἔρωσ ἐποργιάζει.
τί σοι θέλεις ἀριθμῶ
καὶ τοὺς Γαδείρων ἐκτός,
τῶν Βακτρῶν τε κινδῶν
ψυχῆς ἐμῆς ἔρωτας;

Se puderes enumerar
As folhas de todas as árvores
E achar a contagem total
De todas as ondas do mar,
Então saberás qual a soma
Exclusiva dos meus amores.
Primeiro, os provindos de Atenas:
São vinte os amores de lá,
Somados também a outros quinze.
De Corinto em seguida então
Vêm séries inteiras de amores,
Pois lá em Aqueia é onde há
De fato as mulheres mais belas.
Depois meus amores de Lesbos
E vindos lá longe da Jônia
Também os da Cária e de Rodes
Que juntos completam dois mil.
Que foi que dizes? Estás tonto?
Ainda nem falei da Síria;
Nem das paixões lá de Canopo;
Nem de Creta, em que há tudo quanto
Existe e onde o Amor costuma
Encantar as festas nas pólis.
Por que tu queres que enumere
Pra além da Bactria e de Cádiz,
Pra além até da própria Índia,
Os amores da minha alma?

15

ἐρασμὴ πέλεια,
πόθεν, πόθεν πέτασαι;
πόθεν μύρων τοσοῦτων
ἐπ' ἠέρος θέουσα
πνέεις τε καὶ ψεκάζεις;
τίς εἶ, τί σοι μέλει δέ;

Ó adorável pombinha,
De onde, de onde vens voando?
De onde vem este perfume
Que tu deixas pelo ar
Como um vento junto à chuva?
Quem és tu e o que tu queres?

Ἄνακρέων μ' ἔπεμψε
 πρὸς παῖδα, πρὸς Βάθυλλον,
 τὸν ἄρτι τῶν ἀπάντων
 κρατοῦντα καὶ τύραννον.
 πέπρακέ μ' ἡ Κυθήρη
 λαβούσα μικρὸν ὕμνον·
 ἐγὼ δ' Ἄνακρέοντι
 διακονῶ τοσαῦτα.
 καὶ νῦν οἷας ἐκείνου
 ἐπιστολὰς κομιζώ·
 καὶ φησιν εὐθέως με
 ἐλευθέρην ποιήσειν.
 ἐγὼ δέ, κῆν ἀφῆ με,
 δούλη μενῶ παρ' αὐτῷ.
 τί γάρ με δεῖ πέτασθαι
 ὄρη τε καὶ κατ' ἀγρούς
 καὶ δένδρεσιν καθίζειν
 φαγοῦσαν ἄγγιόν τι;
 τὰ νῦν ἔδω μὲν ἄρτον
 ἀφαρπάσασα χειρῶν
 Ἄνακρέοντος αὐτοῦ.
 πεινὴ δέ μοι δίδωσι
 τὸν οἶνον, ὃν προπίνει,
 πιούσα δ' ἀγχορεύω
 καὶ δεσπότην κρέκοντα
 πετροῖσι συγκαλύπτω·
 κοιμωμένου δ' ἐπ' αὐτῷ
 τῷ βαρβίτῳ καθέδω,
 ἔχεις ἅπαντ'· ἀπελθε·
 λαλιστέραν μ' ἔθηκας,
 ἀνθρωπε, καὶ κορώνης;

“Enviou-me Anacreonte
 Para Bátilo menino,
 Ele que ora é o senhor
 Cujo reino alcança tudo.
 A Citéria me vendera
 Em retorno a uma canção.
 É pra Anacreonte agora
 Que eu performo essas tarefas.
 Veja só como eu carrego
 Muitas cartas em seu nome!
 Ele diz que logo, logo
 Me dará a liberdade.
 Mas, se não me libertar,
 Sou sua escrava para sempre.
 Para que eu irei voar
 Sobre montes e campinas
 E sentar-me nalgum galho
 ‘Pós caçar comida agreste?
 No momento eu como pão
 Que das mãos de Anacreonte
 Eu agarro pra mim mesma.
 Pra beber ele me dá
 Vinho que ele próprio bebe.
 ‘Pós beber então eu danço,
 Ele toca a sua lira,
 Minha asa faz-lhe sombra.
 Quando alfim se vai pro leito,
 Eu repouso em sua lira.
 Pronto. Agora sabes tudo.
 Vai-te embora! Já fizeste
 Que eu falasse como gralha.”

16

ἄγε, ζωγράφων ἄριστε,
 γράφε, ζωγράφων ἄριστε,
 Ῥοδῆς κοίρανε τέχνης,
 ἀπεούσαν, ὡς ἂν εἶπω,
 γράφε τὴν ἐμὴν ἑταίρην.
 γράφε μοι τρίχας τὸ πρῶτον
 ἀπαλὰς τε καὶ μελαίνας·
 ὁ δὲ κηρὸς ἂν δύνηται,
 γράφε καὶ μύρου πνεούσας.
 γράφε δ' ἐξ ὄλης παρειῆς
 ὑπὸ πορφυραῖσι χαιταῖς
 ἐλεφάντινον μέτωπον.
 τὸ μεσόφρυον δὲ μὴ μοι
 διάκοπτε μῆτε μίσηγε,

Vinde, mestre dos pintores!
 Pintai, mestre dos pintores!
 Comandante da arte ródia,
 Da maneira que vos digo,
 Desenhai a moça ausente:
 Desenhai primeiro os cachos –
 Delicados cachos negros –
 E, se a cera o permitir,
 Desenhai o seu perfume.
 Desenhai as suas bochechas
 Sob um cenho de marfim
 E madeixas negro-roxas.
 Não corteis as sobrancelhas,
 Mas também não as unais:

ἐχέτω δ' ὅπως ἐκείνη,
 τὸ λεληθότως σύνοφρυ,
 βλεφάρων ἴτυν κελαινήν.
 τὸ δὲ βλέμμα νῦν ἀληθῶς
 ἀπὸ τοῦ πυρὸς ποιήσον,
 ἅμα γλαυκὸν ὡς Ἀθήνης,
 ἅμα δ' ὑγρὸν ὡς Κυθήρης.
 γράφε ρίνα καὶ παρειάς
 ῥόδα τῷ γάλακτι μίξαι·
 γράφε χεῖλος, οἷα Πειθοῦς,
 προκαλοῦμενον φίλημα.
 τρυφεροῦ δ' ἔσω γενείου
 περὶ λυγδίνῳ τραχίλῳ
 Χάριτες πέτοινο πᾶσαι.
 στολίσον τὸ λοιπὸν αὐτῆν
 ὑποπορφύροισι πέπλοισι,
 διαφανέτω δὲ σαρκῶν
 ὀλίγον, τὸ σῶμ' ἐλέγχον.
 ἀπέχει βλέπω γὰρ αὐτήν·
 τάχα κηρέ, καὶ λαλήσεις.

Que elas sejam como sãõ,
 Bordas negras de seus olhos
 Encontrando-se de leve.
 Os seus olhos, veramente,
 Vós deveis fazer de fogo;
 Glaucos, como os de Atena;
 Úmidos, tal qual Citéria.
 Desenhai nariz, bochechas,
 Misturando o rosa ao creme.
 Lábios: como os de Peitó,
 Sempre provocando beijos.
 Sob o queixo delicado,
 Junto ao seu pescoço níveo,
 Permitti que as Graças voem.
 Sobre o resto ponde peplos
 Com um leve tom purpúreo,
 Mas mostra a pele um pouco,
 Como prova de seu corpo.
 É o bastante! Posso vê-la!
 Mais um pouco e a cera fala!

17

γράφει μοι Βάθυλλον οὕτω,
 τὸν ἑταῖρον, ὡς διδάσκω·
 λιπαρὰς κόμας ποιήσον,
 τὰ μὲν ἔνδοθεν μελαίνας,
 τὰ δ' ἔξ ἄκρον ἠλιώσας·
 ἔλικας δ' ἐλευθέρους μοι
 πλοκάμων ἄτακτα συνθεις
 ἄφες, ὡς θέλωσι, κείσθαι.
 ἀπαλὸν δὲ καὶ δροσῶδες
 στεφέτω μέτωπον ὄφρυς
 κυανωτέρῃ δρακόντων.
 μέλαν ὄμμα γοργὸν ἔστω
 κεκερασμένον γαλήνῃ,
 τὸ μὲν ἔξ Ἄρηος ἔλικον,
 τὸ δὲ τῆς καλῆς Κυθήρης,
 ἵνα τις τὸ μὲν φοβῆται,
 τὸ δ' ἀπ' ἐλπίδος κρεμάται.
 ῥοδέην δ' ὅποια μῆλον
 χνοῖην ποιεῖ παρειήν·
 ἐρύθημα δ' ὡς ἂν Αἰδοῦς
 δύνασ' εἰ βαλεῖν ποιήσον.
 τὸ δὲ χεῖλος οὐκέτ' οἶδα
 τί μοι τρόπῳ ποιήσεις
 ἀπαλὸν γέμον τε πιθοῦς·
 τὸ δὲ πᾶν ὁ κηρὸς αὐτὸς
 ἐχέτω λαλῶν σιωπῇ.

Desenhai meu companheiro
 Bátilo conforme digo:
 Ponde brilho em seu cabelo:
 Negro embaixo, mas nas pontas
 Clareado pelo sol.
 Dai-lhe mechas cacheadas,
 Livres, e deixai que fiquem
 Em desordem como querem.
 O seu cenho sob orvalho,
 Laureai com sobrançelas
 Mais escuras que serpentes.
 Que seus olhos negros sejam
 Tão ferozes quanto calmos –
 Com a fúria de Ares junto à
 Calma de Citéria bela –,
 Pra que causem tanto o medo
 Quanto nutram a esperança.
 Rosas, como uma maçã,
 Engendrai as suas bochechas.
 Se possível, dai-lhes cor
 Semelhante à da Modéstia.
 Não sei como, mas os lábios
 Vós deveis fazer macios,
 Cheios de persuasão.
 Mas deixai que a cêra diga
 Tudo com o seu silêncio.

μετὰ δὲ πρόσωπον ἔστω
τὸν Ἀδώνιδος παρελθῶν
ἐλεφάντινος τράχηλος.
μεταμάζιον δὲ ποίει
διδύμας τε χεῖρας Ἑρμοῦ,
Πολυδεύκεος δὲ μηρούς,
Διονυσίην δὲ νηδύν·
ἀπαλῶν δ' ὑπερθε μηρῶν,
μαλερὸν τὸ πῦρ ἐχόντων,
ἀφελῆ ποιήσον αἰδῶ
Παφίην θέλουσαν ἦδη.
φθονερὴν ἔχεις δὲ τέχνην,
ὅτι μὴ τὰ νῶτα δεῖξαι
δύνασαι· τὰ δ' ἦν ἁμείνω.
τί με δεῖ πόδας διδάσκειν;
λάβε μισθὸν, ὅσσον εἴπης,
τὸν Ἀπόλλωνα δὲ τοῦτον
καθελῶν ποίει Βαθύλλον·
ἦν δ' ἐς Σάμιον ποτ' ἔλθης,
γράφε Φοῖβον ἐκ Βαθύλλου.

Que haja então depois do rosto
Um pescoço de marfim
Superior ao de Adônis.
Engendrai depois seu peito
E suas mãos como as de Hermes;
Coxas, como Polideuces;
O abdômen, de Dioniso;
Sobre as suas tenras coxas,
Abrasadas pelo fogo,
Ponde uma vergonha simples,
Mas que já deseje a Páfia.
Vossa arte é uma invejosa,
Pois não mostra as costas dele.
Haveria algo melhor?
Descrever os pés pra quê?
Quanto ao preço, não me importo.
Mas levai convosco Apolo,
Dele vós fareis meu Bátilo.
Mas se fordes para Samos,
Febo vós fareis de Bátilo.

18

δότε μοι, δότ', ὦ γυναῖκες,
Βρομίου πιεῖν ἄμυστι·
ἀπὸ καύματος γάρ ἦδη
προδοθεὶς ἀναστενάζω.
δότε δ' ἀνθέων ἐκείνου
στεφάνους, δόθ', ὡς πυκάζω
τὰ μέτωπά μου ἴκικατα·
τὸ δὲ καῦμα τῶν Ἐρώτων,
κραδίη, τίني σκεπάζω;
παρὰ τὴν σκιὴν Βαθύλλου
καθίσω· καλὸν τὸ δένδρον,
ἀπαλὰς δ' ἔσεισε χαίτας
μαλακωτάτῳ κλαδίσκῳ·
παρὰ δ' αὐτὸ † ἔρεθίζει †
πηγὴ ῥέουσα πειθοῦς,
τίς ἂν οὖν ὁρῶν παρέλθοι
καταγῶγιον τοιοῦτο;

Dai para mim, mulheres, dai
Um Brômio⁸ pra eu beber num gole,
Pois o calor me faz febril
E já me encontro aqui gemendo.
Dai-me as guirlandas dele, cheias
De flores, dai-me, pra eu cingir
A minha testa já queimada.
Mas como, coração, irei
Fugir da febre dos Amores?
À sombra de Bátilo irei
Sentar. É bela a árvore e ela
Balança os seus cachos macios
Em galhozinhos dos mais tenros.
Por perto existe uma nascente que
Sussurra com persuasão.
Ao ver um tal recanto, quem
O poderia ignorar?

⁸ Outro nome para Dioniso. Assim como “Baco”, é um termo empregado tanto para designar o deus quanto o vinho.

19

αἱ Μοῦσαι τὸν Ἔρωτα
 δῆσασαι στεφάνοισι
 τῷ Κάλλει παρέδωκαν·
 καὶ νῦν ἡ Κυθήρεια
 ζητεῖ λύτρα φέρουσα
 λύσασθαι τὸν Ἔρωτα.
 κἄν λύση δέ τις αὐτόν,
 οὐκ ἔξεις, μενεὶ δέ·
 δουλεύειν δεδίδακται.

O Amor foi amarrado
 Com guirlandas pelas Musas,
 Que à Beleza o ofertaram.
 Mas Citéria veio então,
 Carregando o seu resgate
 Para libertar o Amor.
 Todavia, já liberto,
 Não partiu, e sim ficou:
 Aprendera a ser escravo.

20

ἠδυμελής Ἀνακρέων,
 ἠδυμελής δὲ Σαπφώ·
 Πινδαρικὸν δέ μοι μέλος
 συγκεράσας τις ἐγχείοι.
 τὰ τρία ταῦτά μοι δοκεῖ
 καὶ Διόνυσος ἐλθῶν
 καὶ Παφίη λιπαρόχροος
 καὐτὸς Ἔρωσ ἀν ἐκπιεῖν.

Anacreonte: um canto doce.
 Safo também: um canto doce.
 Juntos da música Pindária,
 Verte-os pra mim num copo, mistos.
 Penso que mesmo Dioniso,
 Junto a Afrodite, pele-em-brilho,
 Vindo com Eros para cá,
 Vendo esses três os beberiam.

21

ἡ γῆ μέλαινα πίνει,
 πίνει δένδρεα δ' αὐτήν.
 πίνει θάλασσο' ἀναύρους,
 ὁ δ' ἥλιος θάλασσαν,
 τὸν δ' ἥλιον σελήνη·
 τί μοι μάχεσθ', ἐταῖροι,
 καὐτῷ θέλοντι πίνειν;

A terra negra bebe
 E bebem dela as árvo-
 res. Bebe o mar das chuvas;
 O sol, do próprio mar;
 Do sol depois, a lua.
 Por que brigar comigo
 Então, meus companheiros,
 Se eu também quero beber?

22

ἡ Ταντάλου ποτ' ἔστη
 λίθος Φρυγῶν ἐν ὄχθαις,
 καὶ παῖς ποτ' ὄρνις ἔπτη
 Πανδίωνος χελιδών.
 ἐγὼ δ' ἔσοπτρον εἶην,
 ὅπως αἰεὶ βλέπτης με·
 ἐγὼ χιτῶν γενοίμην,
 ὅπως αἰεὶ φορῆς με.
 ὕδωρ θέλω γενέσθαι,
 ὅπως σε χρώτα λούσω·

Certa vez a filha de
 Tântalo se fez em pedra
 Junto das montanhas frígias.
 Certa vez a filha de
 Pândio foi voando ao longe,
 Transformada em andorinha.
 Quem me dera se eu pudesse
 Transformar-me num espelho,
 Pra que tu me olhasses sempre;
 Ou talvez em túnica,
 Pra que sempre me vestisses;
 Ou então fazer-me em água,
 Com a qual te lavarias;

μύρον, γύναι, γενοίμην,
ὅπως ἐγὼ σ' ἀλείψω.
καὶ ταινίη δὲ μασθῶ
καὶ μάργαρον τραχήλῳ
καὶ σάνδαλον⁹ γενοίμην·
μόνον ποσὶν πάτει με.

Ou quem sabe algum perfume,
Dona, e assim te perfumava;
Uma echarpe pro teu peito;
Pérola pro teu pescoço;
Ou enfim uma sandália –
Só teus pés me pisariam!

23

θέλω λέγειν Ἀτρείδας,
θέλω δὲ Κάδμον ἄδειν,
ὁ βάρβιτος δὲ χορδαῖς
Ἔρωτα μούνον ἤχει.
ἤμεινα νεῦρα πρώην
καὶ τὴν λύρην ἄπασαν·
κάγῳ μὲν ἦδον ἄθλους
Ἡρακλέους· λύρη δὲ
Ἔρωτας ἀντεφώνει.
χαίροιτε λοιπὸν ἡμῖν,
ἦρωες· ἡ λύρη γὰρ
μόνους ἔρωτας ἄδει.

Do Atrida eu falaria
E cantaria Cadmo
Se a lira em suas cordas
De amor não só vibrasse.
Eu já troquei suas fibras
E até a lira inteira.
Tentei cantar os feitos
De Hércules e a lira
No entanto o amor ressona.
Adeus pra sempre a vós,
Heróis, pois que esta lira
Somente o amor me canta!

24

Φύσις κέρατα ταύροις,
ὄπλας δ' ἔδωκεν ἵπποις,
ποδωκίην λαγωοῖς,
λέουσι χάσμ' ὀδόντων,
τοῖς ἰχθύσιν τὸ νηκτόν,
τοῖς ὀρνέοις πέτασθαι,
τοῖς ἀνδράσιν φρόνημα,
γυναιξὶν οὐκ ἔτ' εἶχεν.
τί οὖν; δίδωσι κάλλος
ἀντ' ἀσπίδων ἀπασῶν,
ἀντ' ἐγγέων ἀπάντων·
νικᾷ δὲ καὶ σίδηρον
καὶ πῦρ καλὴ τις οὔσα.

Natureza deu aos touros
Chifres; cascos, aos cavalos;
Para as lebres, pés velozes;
Aos leões, um vau de dentes;
Para os peixes, o nadar;
Para as aves, o voar;
Para os homens, o pensar;
Às mulheres já não tinha
Nada mais o que lhes dar.
Que lhes deu então? Beleza.
Contra todos os escudos,
Contra todas as espadas,
Vence tanto ferro quanto
Fogo alguém só sendo bela!

⁹ Aparece sem acento na edição de Campbell. Creio que tenha sido um pequeno lapso, por isso o adicionei.

25

σύ μὲν, φίλη χελιδόν,
 ἐτησίη μολοῦσα
 θέρει πλέκεις καλιήν·
 χειμῶν δ' εἷς ἄφαντος
 ἢ Νεῖλον ἢ 'πί Μέμφιν.
 Ἔρωσ δ' αἰεὶ πλέκει μευ
 ἐν καρδίη καλιήν·
 Πόθος δ' ὁ μὲν πτεροῦται,
 ὁ δ' ὦν ἔστιν ἀκμήν,
 ὁ δ' ἡμίλεπτος ἤδη·
 βοῆ δὲ γίνετ' αἰεὶ
 κεχρητότων νεοτῶν·
 Ἐρωτιδεῖς δὲ μικροῦς
 οἱ μείζονες τρέφουσιν·
 οἱ δὲ τραφέντες εὐθύς
 πάλιν κούσιν ἄλλους.
 τί μήχος οὖν γένηται;
 οὐ γάρ σθένω τοσοῦτους
 Ἔρωτας ἐκβοῆσαι.

Tu, andorinha querida,
 Todo ano no verão
 Vens aqui fazer teu ninho,
 Mas no inverno vais embora
 Para o Nilo ou para Mênfis.
 Já o Amor se aninha sempre
 Dentro do meu coração:
 Um Desejo ganha as asas;
 Outro há pouco fez-se em ovo;
 E um terceiro logo eclode;
 Há um berreiro ininterrupto
 Junto às avezinhas novas:
 Amorzinhos pequeninos
 Que os maiores alimentam.
 Quando crescem, por sua vez,
 Logo geram outros mais.
 Qual remédio que haveria?
 Eu não tenho força para
 Enxotar tantos Amores.

26

σύ μὲν λέγεις τὰ Θήβης,
 ὁ δ' αὖ Φρυγῶν ἀυτάς,
 ἐγὼ δ' ἐμὰς ἀλώσεις.
 οὐχ ἵππος ὤλεσέν με,
 οὐ πεζός, οὐχι νῆες,
 στρατός δὲ καινός ἄλλος
 ἀπ' ὀμμάτων με βάλλων.

Tu me falas sobre Tebas;
 Outro, sobre os brados Frígios;
 Eu, de como fui vencido –
 Não por um cavalo, ou mesmo
 Naus ou por soldados, mas – por
 Um estranho tipo de hoste,
 Que venceu com seu olhar.

27

ἐν ἰσχίοις μὲν ἵπποι
 πυρός χάραγμ' ἔχουσιν,
 καὶ Παρθίους τις ἀνδρας
 ἐγνώρισεν τιάραις.
 ἐγὼ δὲ τοὺς ἐρώντας
 ἰδὼν ἐπίσταμι' εὐθύς·
 ἔχουσι γάρ τι λεπτόν
 ψυχῆς ἔσω χάραγμα.

Cavalos têm nas suas coxas
 As marcas feitas pelo fogo.
 Os homens Partos se distinguem
 Por meio de suas tiaras.
 Porém eu reconheço amantes
 Tão logo ponho os olhos neles,
 Pois trazem uma leve marca
 Gravada sobre suas almas.

28

ὁ ἀνὴρ ὁ τῆς Κυθήρης
 παρὰ Λημνίας καμίνους
 τὰ βέλη τὰ τῶν Ἑρώτων
 ἐποίει λαβῶν σίδηρον·
 ἀκίδα δ' ἔβαπτε Κύπρις
 μέλι τὸ γλυκὺ λαβοῦσα·
 ὁ δ' Ἔρωσ χολὴν ἔμισγε.
 ὁ δ' Ἄρης ποτ' ἐξ αὐτῆς
 στιβαρὸν δόρυ κραδαίων
 βέλος ἠτέλιζ' Ἐρωτος·
 ὁ δ' Ἔρωσ 'τόδ' ἐστὶν εἶπεν
 'βαρὺ· πειράσας νοήσεις·'
 ἔλαβεν βέλεμον Ἄρης·
 ὑπεμείδιασε Κύπρις·
 ὁ δ' Ἄρης ἀναστενάξας
 'βαρὺ' φησιν· 'ἄρον αὐτό·'
 ὁ δ' Ἔρωσ ἔχ' αὐτὸ φησίν.

O esposo da Citéria estava
 Ao lado da forja de Lemnos
 Manejando o ferro com que
 Forjava as armas dos Amores.
 As pontas, Cípris em seguida
 As mergulhava em doce mel
 E Eros lhes dava um toque amargo.
 Ares veio da luta um dia
 Brandindo sua forte lança
 E riu-se das armas de Eros,
 Que então lhe disse: “Esta aqui
 É bem pesada. Experimenta.”
 Ares tomou a arma enquanto
 Cípris sorria em silêncio.
 Grunhindo, Ares concordou:
 “É pesada. Toma de volta.”
 Mas Eros disse: “Fica: é tua.”

29

χαλεπὸν τὸ μὴ φιλήσαι,
 χαλεπὸν δὲ καὶ φιλήσαι,
 χαλεπώτερον δὲ πάντων
 ἀποτυγχάνειν φιλοῦντα.
 γένος οὐδὲν εἰς Ἑρωτα-
 σοφίη, τρόπος πατεῖται·
 μόνον ἄργυρον βλέπουσιν.
 ἀπόλοιτο πρῶτος αὐτὸς
 ὁ τὸν ἄργυρον φιλήσας.
 διὰ τοῦτον οὐκ ἀδελφός,
 διὰ τοῦτον οὐ τοκῆς·
 πόλεμοι, φόνοι δι' αὐτόν.
 τὸ δὲ χεῖρον· ὀλλύμεσθα
 διὰ τοῦτον οἱ φιλοῦντες.

É bem difícil não amar.
 É bem difícil amar também.
 Mas mais difícil do que tudo
 É quando o amor fraqueja e falha.
 Pro Amor linhagem não é nada.
 Saber, caráter: ignorados.
 Dinheiro é tudo que eles veem.
 Maldito o homem que primeiro
 Apaixonou-se por dinheiro!
 Por causa dele nós perdemos
 O nosso irmão e os nossos pais.
 Por causa dele há guerra e morte.
 Mas o pior é percermos,
 Por causa dele, nós amantes.

30

ἐδόκουν ὄναρ τροχάζειν
 πτέρυγας φέρων ἐπ' ὤμων·
 ὁ δ' Ἔρωσ ἔχων μόλιβδον
 περὶ τοῖς καλοῖς ποδίσκοις
 ἐδίωκε καὶ κίχανεν.
 τί θέλει δ' ὄναρ τόδ' εἶναι;
 δοκέω δ' ἔγωγε· πολλοῖς
 ἐν ἔρωσί με πλακέντα
 διολισθάνειν μὲν ἄλλους,
 ἐνὶ τῷδε συνδεθῆναι.

Corria rápido em meu sonho
 Com duas asas sobre os ombros,
 Enquanto o Amor com sapatinhos
 De chumbo em seus pezinhos lindos
 Me perseguia e me alcançava.
 O que este sonho quer dizer?
 Parece-me dizer que, mesmo
 Que eu antes tenha me livrado
 De amores em que eu me enlaçara,
 Estou bem preso neste agora.

31

ὕακινθίνῃ με ῥάβδῳ
 χαλεπῶς Ἔρωσ ῥαπίζων
 ἐκέλευε συντροχάζειν.
 διὰ δ' ὀξέων μ' ἀναύρων
 ξυλόχων τε καὶ φαράγγων
 τροχάοντα τείρεν ἰδρώς·
 κραδίῃ δὲ ῥίνος ἄχρῃς
 ἀνέβαινε, κἂν ἀπέσβην.
 ὁ δ' Ἔρωσ ἤμέτωπα σείων
 ἀπαλοῖς περοσῖον εἶπεν·
 'σὺ γὰρ οὐ δύνῃ φιλήσαι·'

Com uma vara de jacintos,
 O Amor batia em mim sem pena,
 Mandando que eu o acompanhasse.
 Corri ao longo de águas duras,
 De arbustos e também de abismos,
 Corri e o suor me incomodava.
 O coração subiu-me ao rosto,
 Até o nariz. Pensei morrer.
 Mas Eros abanando as suas
 Asinhas tenras me falou:
 "Não podes mesmo então amar?"

32

ἐπὶ μυρσίναις τερεΐναις
 ἐπὶ λωτίναις τε ποίαις
 στορέσας θέλω προπίνειν.
 ὁ δ' Ἔρωσ χιτῶνα δήσας
 ὑπὲρ αὐχένος πατύρῳ
 μέθυ μοι διακονεῖτω·
 τροχὸς ἄρματος γὰρ οἶα
 βίωτος τρέχει κυλισθείς,
 ὀλίγη δὲ κεισόμεσθα
 κόνις ὁστὲν λυθέντων.
 τί σε δεῖ λίθον μυρίζειν;
 τί δὲ γῆ χέειν μάταια;
 ἐμὲ μάλλον, ὡς ἔτι ζῶ,
 μύρισον, ῥόδοις δὲ κρᾶτα
 πύκασσον, κάλει δ' ἐταίρη·
 πρὶν, Ἔρωσ, ἐκεῖ μ' ἀπελθεῖν
 ὑπὸ νεπτέρων χορείας,
 σκεδάσαι θέλω μερίμνας.

Sobre um leito de delicados
 Ramos de lótus e de mirto,
 Eu desejo fazer um brinde!
 Que o Amor amarre ao redor
 Do pescoço a túnica com
 Papiro e me sirva de vinho,
 Pois a vida gira depressa,
 Como as rodas de uma biga:
 Em breve jazeremos com
 Os ossos soltos sob a terra.
 Pra que perfumar uma pedra?
 Pra que dar vinho para o solo?
 Perfuma-me enquanto estou vivo,
 Cinge-me a cabeça com rosas
 E chama aqui a minha moça,
 Pois antes que eu me una às danças
 Dos mortos, eu desejo, Amor,
 Dispersar a minha inquietude.

33

μεσονυκτίοις ποτ' ὥραις,
 στρέφετ' ἠνίκ' Ἄρκτος ἤδη
 κατὰ χεῖρα τὴν Βοώτου,
 μερόπων δὲ φύλα πάντα
 κέαται κόπῳ δαμέντα,
 τότε Ἔρωσ ἐπισταθείς μευ
 θυρέων ἔκοπτ' ὀχῆας.
 'τίς' ἔφην 'θύρας ἀράσσει,
 κατὰ μεν σχίσας ὄνειρους·'
 ὁ δ' Ἔρωσ 'ἄνοιγε' φησὶν·
 'βρέφος εἰμί, μὴ φόβησαι·
 βρέχομαι δὲ κάσέληνον
 κατὰ νύκτα πεπλάνημαι.'

Certa vez, no meio da noite,
 Chegado o momento em que a Ursa
 Já se vira à mão do Boieiro
 E todas as tribos dos homens
 Se deitam pelo seu cansaço,
 O Amor se pôs em frente à minha
 Porta e começou a bater.
 "Quem bate em minha porta?" eu disse.
 "Partiste todos os meus sonhos!"
 O Amor então responde: "Abre!
 Sou um bebê! Não tenhas medo!
 Estou molhado e estou perdido
 Em meio à noite sem luar."

ἔλεησα ταῦτ' ἀκούσας,
 ἀνά δ' εὐθὺ λύχρον ἄψας
 ἀνέφξα, καὶ βρέφος μὲν
 ἔσορῶ φέροντα τόξον
 πτέρυγας τε καὶ φαρέτρην·
 παρὰ δ' ἰστίην καθίξας
 παλάμαισι χεῖρας αὐτοῦ
 ἀνέθελπον, ἐκ δὲ χαιτήρ
 ἀπέθλιβον ὑγρὸν ὕδωρ.
 ὃ δ', ἔπει κρύος μεθήκε,
 'φέρε' φησὶ 'πειράσωμεν
 τόδε τόξον, εἴ τί μοι νῦν
 βλάβεται βραχεῖσα νευρή·'
 τανύει δὲ καί με τύπτει
 μέσον ἦπαρ, ὥσπερ οἰστρος,
 ἀνά δ' ἄλλεται καχάζων·
 'ξένε' δ' εἶπε 'συγχάρηθι·
 κέρας ἀβλαβές μὲν ἡμῖν,
 σὺ δὲ καρδίαν πονήσεις·'

Fiquei com pena do que ouvi.
 Por isso, acendo um lampião
 E abrindo a porta então eu vejo
 Um bebezinho com seu arco,
 Aljava e asas sobre as costas.
 Sentei-o junto da lareira,
 A fim de que esquentasse as mãos,
 E então sequei o seu cabelo,
 Espremendo os cachos molhados.
 Quando o frio por fim o soltou,
 "Vem!", ele disse. "Vem testar
 Meu arco para ver se a corda
 Acaso se estragou na chuva!"
 Armou a flecha e me acertou
 No meio do meu coração.
 Depois, pulando e rindo, disse:
 "Amigo, alegre-te comigo!
 Meu arco está ileso, mas
 Teu coração irá doer!"

34

μακαρίζομέν σε, τέτιζ,
 ὅτε δενδρέων ἐπ' ἄκρων
 ὀλίγην δρόσον πεπωκῶς
 βασιλεὺς ὅπως αἰεδαίεις.
 σὰ γάρ ἐστι κείνα πάντα,
 ὅποσα βλέπεις ἐν ἀγροῖς
 χῶπόσα φέρουσιν ὕλαι.
 σὺ δὲ † φιλία † γεωργῶν,
 ἀπὸ μηδενός τι βλάπτων·
 σὺ δὲ τίμος βροτοῖσιν
 θέρεος γλυκὺς προφήτης·
 φιλέουσι μὲν σε Μοῦσαι,
 φιλέει δὲ Φοῖβος αὐτός,
 λιγυρὴν δ' ἔδωκεν οἴμην·
 τὸ δὲ γῆρας οὐ σε τείρει,
 σοφέ, γηγενής, φιλυμνε·
 ἀπαθής, ἀναιμόσαρκε,
 σχεδὸν εἴ θεοὶς ὅμοιος.

Julgamos-te feliz, cigarra,
 Quando sobre as árvores altas,
 Tomado um pouquinho de orvalho,
 Tu cantas, então, como um rei!
 Os campos, até onde a vista
 Alcança, te pertencem. Tudo
 Que a mata produz te pertence.
 És amiga dos camponeses:
 Jamais tu roubas algo deles.
 Tu és honrada entre os mortais,
 Profeta doce do Verão.
 As Musas amam-te e também
 Te ama o próprio Febo, que te
 Deu uma límpida canção.
 A ti, velhice não oprime,
 Sábua, terrânea, amante de hinos.
 Sem dor nem sangue em suas carnes,
 Pareces mais com um dos deuses.

35

Ἔρωσ ποτ' ἐν ῥόδοισι
 κοιμωμένην μέλιτταν
 οὐκ εἶδεν, ἀλλ' ἐτρώθη·
 τὸν δάκτυλον παταθθεὶς
 τὰς χειρὸς ὠλόλυξε.

Certa vez, o Amor, por não ver
 Que em meio às rosas uma abelha
 Dormia, acabou se ferindo.
 Tão logo sentiu a picada
 Num dedo da mão ele uivou

δραμῶν δὲ καὶ πετασθεὶς
 πρὸς τὴν καλὴν Κυθήρην
 ὄλωλα, μήτηρ, εἶπεν,
 ὄλωλα κάποθνήσκω-
 ὄφισ μ' ἔτυψε μικρὸς
 πτερωτός, ὃν καλοῦσιν
 μέλιτταν οἱ γεωργοί.
 ἃ δ' εἶπεν· εἰ τὸ κέντρον
 πονεῖς τὸ τὰς μελίττας,
 πόσον δοκεῖς πονοῦσιν,
 Ἔρωσ, ὅσους σὺ βάλλεις;

E foi-se correndo e voando
 Atrás da venusta Citéria.
 “Mataram-me, mãe!” ele disse.
 “Mataram-me! Ai, estou morrendo!
 Uma cobrinha voadora
 Me picou! Aquela chamada
 De abelha pelos camponeses!”
 E ela respondeu: “Se o ferrão
 Da abelha dói dessa maneira,
 Que dor tu pensas que eles sentem,
 Amor, por conta de tuas flechas?”

36

ὁ Πλοῦτος εἶ γε χρυσοῦ
 τὸ ζῆν παρείχε θνητοῖς,
 ἑκαρτέρου φυλάττων,
 ἴν', ἂν Θάνατος ἐπέλθῃ.
 λάβῃ τι καὶ παρέλθῃ.
 εἰ δ' οὐν μὴ τὸ πρίασθαί
 τὸ ζῆν ἔνεστι θνητοῖς,
 τί καὶ μάτην στεγάζω;
 τί καὶ γόους προπέμπω;
 θανεῖν γὰρ εἰπέρωται,
 τί χρυσὸς ὠφελεῖ με;
 ἔμοι γένοιτο πίνειν,
 πίνοντι δ' οἶνον ἠδὺν
 ἔμοις φίλοις συνεῖναι,
 ἐν δ' ἀπαλαΐσι κοίταις
 τελεῖν τὰν Ἀφροδίταν.

Se a Riqueza oferecesse
 Vida pros mortais por ouro,
 Com zelo eu o guardaria,
 Pra que quando viesse a Morte
 Lhe pagasse e fosse embora.
 No entanto, como os mortais
 Não podem comprar a vida,
 Para que sofrer em vão?
 Pra que chorar e gemer?
 Se estou fadado a morrer,
 De que irá servir-me o ouro?
 Deixa-me beber e, tendo
 Bebido o meu doce vinho,
 Deitar-me com meus amigos
 Numa cama bem macia
 Para os ritos de Afrodite.

37

διὰ νυκτός ἐγκαθεύδων
 ἀλιπορφύροις τάπησι
 γεγανυμένος Λυαίω,
 ἐδόκουν ἄκροισι ταρσῶν
 δρόμον ὠκύν ἐκτανύειν
 μετὰ παρθένων ἀθύρων,
 ἐπεκερτόμουν δὲ παῖδες
 ἀπαλώτεροι Λυαίου
 δακέθυμά μοι λέγοντες
 διὰ τὰς καλὰς ἐκείνας.
 ἐθέλοντα δ' ἐκφιλήσαι
 φύγον ἐξ ὕπνου μοι πάντες.
 μεμονωμένος δ' ὁ τλήμων
 πάλιν ἦθελον καθεύδειν.

Ao longo da noite eu dormia,
 Num mar de purpúreos lençóis,
 Contento de estar com Lieu.
 Sentia que estava correndo
 Vozel sobre as pontas dos pés,
 Brincando co' algumas mocinhas,
 Enquanto uns rapazes mais meigos
 Que o próprio Lieu caçoavam
 De mim com palavras mordazes
 Por conta das belas garotas.
 Mas, quando eu quis dar-lhes uns beijos,
 Fugiram-me todos do sonho.
 Agora, sozinho e infeliz,
 Só quero dormir novamente.

38

ἰλαροὶ πῖωμεν οἶνον,
 ἀναμέλψομεν δὲ Βάκχον,
 τὸν ἐφευρετὰν χορείας,
 τὸν ὄλας ποθοῦντα μολπὰς,
 τὸν ὁμότροπον Ἐρώτων,
 τὸν ἐρώμενον Κυθήρης,
 δι' ὃν ἡ Μέθη λοχεύθη,
 δι' ὃν ἡ Χάρις ἐτέχθη,
 δι' ὃν ἀμπαύεται Λύπα,
 δι' ὃν εὐνάζετ' Ἄνια.
 τὸ μὲν οὖν πῶμα κερασθὲν
 ἀπαλοὶ φέρουσι παῖδες,
 τὸ δ' ἄχος πέφευγε μυχθὲν
 ἀνεμοτρόφῳ θυέλλῃ.
 τὸ μὲν οὖν πῶμα λάβωμεν,
 τὰς δὲ φροντίδας μεθῶμεν·
 τί γάρ ἐστί σοι <τὸ> κέρδος
 ὀδυνωμένῳ μερίμναις;
 πόθεν οἶδαμεν τὸ μέλλον;
 ὁ βίος βροτοῖς ἀδηλος·
 μεθύων θέλω χορεύειν,
 μεμυρισμένος τε παίξω . . .
 μετὰ καὶ καλῶν γυναικῶν.
 μελέτω δὲ τοῖς θέλουσι
 ὅσον ἐστὶν ἐν μερίμναις.
 ἰλαροὶ πῖωμεν οἶνον,
 ἀναμέλψομεν δὲ Βάκχον.

Alegres, bebamos o vinho,
 Cantando a respeito de Baco,
 Inventor da dança coral
 E amante de toda canção,
 Vivendo tais quais os Amores,
 Queridos que são da Cítéria!
 Por causa dele há Bebedeira!
 Por causa dele a Graça existe!
 Por causa dele a Dor descansa!
 Por causa dele o Apuro dorme!
 Então se mistura a bebida
 E meigos garotos a trazem.
 Não tarda a tristeza a fugir,
 Dispersa em meio à ventania.
 Tomemos a nossa bebida,
 Deixando a inquietude partir!
 Pois qual é o lucro em sofrer
 Por conta de preocupações?
 E como saber o futuro?
 A vida dos homens é incerta.
 Eu quero beber e dançar!
 Banhar-me em perfume e brincar
 [Com jovens de corpos formosos]
 E belas garotas também!
 Aqueles que entanto quiserem
 Ocupem-se com a inquietude.
 Alegres, bebamos o vinho,
 Cantando a respeito de Baco!

39

φιλῶ γέροντα τερπνόν,
 φιλῶ νέον χορευτάν·
 ἂν δ' ὁ γέρων χορευτῆ,
 τρίχας γέρων μὲν ἐστίν,
 τὰς δὲ φρένας νεάζει.

Amo um velho que é gentil;
 Amo um jovem dançarino;
 E, se um homem velho dança,
 Ele é velho em seus cabelos,
 Mas é novo em coração.

40

ἐπειδὴ βροτὸς ἐτεύχθην
 βίτου τριβὸν ὀδεύειν,
 χρόνον ἔγνω ὃν παρήλθον,
 ὃν δ' ἔχω δραμεῖν οὐκ οἶδα.
 † μέθετέ με, φροντίδες· †
 μηδὲν μοι χύμιν ἔστω.
 πρὶν ἐμὲ φθάσῃ τὸ τέλος.
 παίξω, γελάσω, χορεύσω
 μετὰ τοῦ καλοῦ Λυαίου.

Como eu fui feito um ser mortal
 Pra andar na trilha da existência,
 Conheço o tempo que passou,
 Mas não o quanto eu tenho à frente.
 Deixai-me em paz, preocupações!
 Não quero nada ter convosco!
 Pois, antes que me alcance a morte,
 Vou brincar e rir e dançar
 Ao lado do belo Lieu!

41

ἦ καλόν ἐστι βαδίζειν,
 ὅπου λειμῶνες κομῶσιν,
 ὅπου λεπτός ἡδυτάτην
 ἀναπνεῖ Ζέφυρος αὔρην,
 κλήμά τε Βάκχιον ἰδεῖν,
 χυπὸ τὰ πέταλα δῦναι,
 ἀπαλὴν παῖδα κατέχων
 Κύπριν ὄλην πνεύουσαν.

De fato é belo caminhar
 Por sobre campos bem gramados,
 Nos quais o leve Zéfiro
 Assopra a brisa mais gentil,
 Olhar os ramos de Dioniso
 E ir pra debaixo de suas folhas
 Nos braços de uma moça meiga
 Cheirando a Cípris por inteira.

42

ποθέω μὲν Διονύσου
 φιλοπαίγιμος χορείας,
 φιλέω δ', ὅταν ἐφήβου
 μετὰ συμπτώτου λυρίζω-
 στεφανίσκους δ' ὑακίνθων
 κροτάφοισιν ἀμφιπλέξας
 μετὰ παρθένων ἀθύρειν
 φιλέω μάλιστα πάντων.
 φθόνον οὐκ οἶδ' ἐμόν ἦτορ,
 φθόνον οὐκ οἶδα δαίκτην.
 φιλολοιδόροιο γλώττης
 φεύγω βέλεμα κούφα-
 στυγέω μάχας παρούσους,
 πολυκώμους κατὰ δαίτας
 νεοθηλέσιν ἅμα κούραις
 ὑπὸ βαρβίτῳ χορευῶν
 βίον ἤσυχον φέρομι.

Anseio pelas danças de
 Dioniso, o amante da alegria!
 Eu amo quando toco a lira
 Bebendo em companhia a um jovem,
 Mas mais que tudo eu amo pôr
 Guirlandas de jacintos ao
 Redor da testa e então brincar
 Na companhia de garotas.
 Meu coração não sabe o que é
 A inveja que lacera o peito.
 Eu fujo das velozes lanças
 De línguas dadas ao abuso.
 Detesto brigas junto ao vinho.
 Em festas cheias de alegria,
 Com moças feito flores frescas,
 Dançando ao som que vem da lira,
 Que eu leve a minha vida em paz.

43

στεφάνους μὲν κροτάφοισι
 ῥοδίνους συναρμόσαντες
 μεθύωμεν ἄβρα γελῶντες.
 ὑπὸ βαρβίτῳ δὲ κούρα
 κατακίσσοισι βρέμοντας
 πλοκάμοις φέρουσα θύρσους
 χλιδανόσφυρος χορεύη.
 ἄβροχαίτας δ' ἅμα κούρος
 στομάτων ἀδῦ πνεόντων
 κατὰ πηκτιδίων ἀθύρη
 προχέων λίγειαν ὀμφάν.
 ὁ δ' Ἔρως ὁ χρυσοχαίτας
 μετὰ τοῦ καλοῦ Λυαίου
 καὶ τῆς καλῆς Κυθήρης
 τὸν ἐπήρατον γεραίοις
 κῶμον μέτεισι χαίρων.

Vamos nos coroar com rosas
 E nos embebedar com vinho
 Em meio a um riso delicado!
 Deixai que uma garota dance,
 Mostrando os belos tornozelos,
 Ao som da lira, carregando
 O tirso pleno de madeixas!
 Junto dela, um moço de cachos
 Macios e hálito suave
 Dê som ao bárbitos e emane
 Ao longe a sua clara voz!
 Então o Amor de cachos áureos,
 Ao lado do belo Lieu
 E junto da bela Citéria,
 Se juntará à festividade
 Com que os mais velhos se deleitam!

44

τὸ ῥόδον τὸ τῶν Ἐρώτων
 μιζῶμεν Διονύσω·
 τὸ ῥόδον τὸ καλλίφυλλον
 κροτάφοισιν ἀρμόσαντες
 πίνωμεν ἄβρα γελῶντες,
 ῥόδον, ᾧ φέριστον ἄνθος,
 ῥόδον εἶαρος μέλημα,
 ῥόδα καὶ θεοῖσι τερπνά,
 ῥόδον, ᾧ παῖς ὁ Κυθήρης
 στέφεται καλοῦς ἰούλους
 Χαρίτεσι συγχορεύων·
 στεφάνου με, καὶ λυρίξων
 παρὰ σοῖς, Διόνυσε, σηκοῖς
 μετὰ κούρης βαθυκόλπου
 ῥοδίνοισι στεφανίσκοις
 πεπυκασμένους χορεύσω.

Misturemos a rosa dos
 Amores junto a Dioniso:
 Com a rosa de folhas belas
 Cingindo-nos em torno à testa,
 Bebamos com riso agradável!
 A rosa, mais nobre das flores!
 A rosa, amor da Primavera!
 A rosa, deleite dos deuses!
 A rosa, com que o filho da
 Citéria cinge os belos cachos
 A fim de dançar com as Graças!
 Coroa-me, Dioniso, que,
 Tocando a lira em teu recinto,
 Eu dançarei na companhia
 De uma moça de seios fartos
 Com láureas róseas me envolvendo!

45

ὅταν πίνω τὸν οἶνον,
 εὐδουσιν αἱ μέριμναι.
 τί μοι πόνων, τί μοι γόνων,
 τί μοι μέλει μεριμνῶν;
 θανεῖν με δεῖ, κἄν μὴ θέλω·
 τί τὸν βίον πλανῶμαι;
 πῶμεν οὖν τὸν οἶνον
 τὸν τοῦ καλοῦ Λυαίου·
 σὺν τῷ δὲ πίνειν ἡμᾶς
 εὐδουσιν αἱ μέριμναι.

Quando bebo vinho logo
 Dormem as preocupações!
 Que me importam os problemas,
 Os tormentos e as mazelas?
 Morro mesmo não querendo.
 Preocupar-me com a vida?
 Não, bebamos em vez disso o
 Vinho do belo Lieu!
 Pois tão logo nós bebemos
 Dormem as preocupações!

46

ἴδε πῶς ἔαρος φανέντος
 Χάριτες ῥόδα βρύουσιν·
 ἴδε πῶς κύμα θαλάσσης
 ἀπαλύνεται γαλήνη·
 ἴδε πῶς νήσσα κολυμβᾷ
 ἴδε πῶς γέρανος ὀδεύει.
 ζαφελῶς δ' ἔλαμψε Τίταν,
 νεφελῶν σκιαὶ δονοῦνται,
 τὰ βροτῶν δ' ἔλαμψεν ἔργα,
 [[καρποῖσι γαῖα προκύπτει]]
 καρπὸς ἐλαίας προκύπτει·
 Βρομίου τρέφεται νᾶμα
 κατὰ φύλλον, κατα κλῶνα·
 θαλέλων ἦνθησε καρπός.

Olha como as Graças insuflam
 As rosas quando é Primavera!
 Olha como as ondas do mar
 Estão gentis na calmaria!
 Olha como o pato mergulha!
 Olha como a garça viaja!
 Enquanto Titã resplandece,
 As sombras das nuvens passeiam
 E os campos dos homens resplendem!
 Assomam os frutos da terra,
 E assomam olivas também!
 O néctar de Brômio circula
 Por todas as folhas e ramos
 E as plantas vicejam com flores!

47

ἐγὼ γέρων μὲν εἶμι,
 νέων πλέον δὲ πίνω·
 κᾶν δεῖσθαι με χορεύειν,
 Σειληνὸν ἐν μέσοισι
 μιμούμενος χορεύσω
 σκῆπτρον ἔχων τὸν ἄσκον·
 ὁ νάρθηξ δ' οὐδὲν ἔστιν.
 ὁ μὲν θέλων μάχεσθαι
 πάρεστω καὶ μαχέσθω·
 ἐμοὶ κύπελλον, ὦ παῖ,
 μελίχρουν οἶνον ἡδὺν
 ἐγκεράσας φόρησον.
 ἐγὼ γέρων μὲν εἶμι,
 <νέων πλέον δὲ πίνω>.

Eu sou um homem idoso,
 Mas bebo mais que os garotos.
 Quando eu preciso dançar,
 Eu danço feito Sileno,
 Tomando o centro da pista,
 Com meu cantil como apoio,
 Pois a bengala eu perdi.
 Se alguém quiser me enfrentar,
 Que venha! Eu o enfrentarei!
 Mistura o vinho, menino,
 Semelho ao mel em doçura,
 E traz pra mim uma taça!
 Eu sou um homem idoso,
 Mas bebo mais que os garotos.

48

ὅταν ὁ Βάκχος ἔλθῃ,
 εὐδουσιν αἰ μέριμναι,
 δοκῶ δ' ἔχειν τὰ Κροίσου.
 θέλω καλῶς ἀείδειν,
 κισσοστεφῆς δὲ κείμαι,
 πατῶ δ' ἅπαντα θυμῶι.
 ὄπιλιζ', ἐγὼ δὲ πίνω.
 φέρε μοι κύπελλον, ὦ παῖ·
 μεθύοντα γάρ με κείσθαι
 πολὺ κρεῖσσον ἢ θανόντα.

Tão logo Baco é chegado,
 Dormem as preocupações!
 Penso ter o ouro de Cresos!
 Quero cantar belamente!
 Deito com láureas e meu
 Coração desdenha o mundo!
 Prepara o vinho pra mim
 E traz-me a taça, menino,
 Pois é melhor que eu me deite
 Embriagado que morto!

49

τοῦ Διὸς ὁ παῖς ὁ Βάκχος,
 ὁ λυσίφρων ὁ Λυαῖος,
 ὅταν εἰς φρένας τὰς ἐμὰς
 εἰσέλθῃ μεθυδῶτας,
 διδάσκει με χορεύειν.
 ἔχω δὲ τι καὶ τερπνὸν
 ὁ τὰς μέθας ἐραστάς·
 μετὰ κρότων, μετ' ὠδᾶς
 τέρπει με κάφροδίτα·
 πάλιν θέλω χορεύειν.

Quando o filho de Zeus, Baco,
 Que livra a mente dos homens,
 Lieu, doador do vinho,
 Entra nos meus pensamentos,
 Ele me ensina a dançar.
 E eu, amante do vinho,
 Adoto mais um amor.
 Com a batida e a canção
 Afrodite me deleita:
 De novo eu quero dançar!

50

ὄτ' ἐγὼ πῖω τὸν οἶνον,
τότ' μὴν ἦτορ ἰανθῆν
.....
Λιγαίνειν ἄρχεται Μούσας.

ὄτ' ἐγὼ πῖω τὸν οἶνον,
ἀπορίπτονται μέρμυλαι
πολυφρόντιδές τε βουλαί
ἔς ἀλικτύπους ἀήτας.

ὄτ' ἐγὼ πῖω τὸν οἶνον,
λυσπαίγμων τότε Βάκχος
πολυανθέσιν μ' ἐν αὔραις
δονεῖ μεθι γανώσας.

ὄτ' ἐγὼ πῖω τὸν οἶνον,
στεφάνους ἄνθεσι πλέξας,
ἐπιθείς τε τῷ καρῆνῳ
βιότου μέλπῳ γαλήνῃν.

ὄτ' ἐγὼ πῖω τὸν οἶνον,
μῦρθ' εὐώδει τέγξας
δέμας, ἀγκάλαις δὲ κούρη
κατέχων Κύπριν αἰείδω.

ὄτ' ἐγὼ πῖω τὸν οἶνον,
ὑπὸ κυρτοῖς δὴ κυπέλλοις
τὸν ἐμὸν νόον ἀπλώσας
θιάσῳ τέρπομαι κούρων.

ὄτ' ἐγὼ πῖω τὸν οἶνον,
τοῦτό μοι μόνον τὸ κέρδος,
τοῦτ' ἐγὼ λαβῶν ἀποίσω-
τὸ θανεῖν γάρ μετὰ πάντων.

A cada vez que eu bebo vinho,
Conforme Baco me percorre,
Meu coração se aquece inteiro
E canta os claros tons das Musas.

A cada vez que eu bebo vinho,
As minhas preocupações
E ansiedades são jogadas
Ao vento que golpeia o mar.

A cada vez que eu bebo vinho,
Recebo do lirista Baco
Os hálitos de muitas flores
Que me deleitam na bebida.

A cada vez que eu bebo vinho,
Eu entrelaço láureas flóreas
E as ponho acima do meu rosto,
Cantando o tempo bom da vida.

A cada vez que eu bebo vinho,
Eu molho o corpo com perfume
E, tendo uma garota nos
Meus braços, canto sobre a Cípria.

A cada vez que eu bebo vinho,
A minha mente se abre pela
Ação da taça arredondada
E eu aprecio os jovens báquios.

A cada vez que eu bebo vinho,
Não peço mais que este proveito.
Que eu o aceite e o leve embora,
Pois morrerei também um dia.

51

μή με φύγης ὀρώσα
τὰν πολιὰν ἔθειραν-
μηδ', ὅτι σοὶ πάρεστιν
ἄνθος ἀκμαῖον, τὰμὰ
φίλτρα, <φίλα>, διώξης-
ὄρα, κὰν στεφάνοισιν
ὅπως πρέπει τὰ λευκά
ρόδοις κρίνα πλακέντα.

Não te ponhas a fugir
Ao ver meus cabelos brancos!
Não rejeites meus presentes,
Meu amor, apenas porque
Tu estás na flor da idade!
Olha como nas guirlandas
Fica bem que os lírios brancos
Com as rosas se entrelacem!

52 a

τί με τοὺς νόμους διδάσκεις
καὶ ῥητόρων ἀνάγκας;
τί δέ μοι λόγων τοσοῦτων
τῶν μηδὲν ὠφελούντων;
μᾶλλον δίδασκε πίνειν
ἄπαλὸν πῶμα Λυαίου,
μᾶλλον δίδασκε παίζειν
μετὰ χρυσῆς Ἀφροδίτης.

Para que me mostras leis e
Regras dos retóricos?
Que farei desses discursos
Que não servem para nada?
Antes mostra como bebo
O néctar tenro de Lieu!
Antes mostra como brinco
Com a áurea Afrodite!

52 b

πολιαὶ στέφουσι κάραν-
δοῦς ὕδωρ, βάλ' οἶνον, ὦ παῖ-
τήν ψυχὴν μου κάρωσον.
βραχὺ μὴ ζῶντα καλύπτεις.
ὁ θανῶν οὐκ ἐπιθυμῆι.

Cãs laureiam-me a cabeça:
Dá-me vinho e água, moço!
'Stupefaz meu coração!
Logo morro e me sepultas.
E um defunto não quer nada!

53

ὄτ' ἐγὼ ἴς νέων ὄμιλον
ἐσορῶ, πάρεστιν ἦβα.
τότε δὴ, τότ' ἔς χορείην
ὁ γέρων ἐγὼ πτεροῦμαι,
παραμαίνομαι, κυβηβῶ.
παράδος· θέλω στέφρεσθαι.
πολὸν δ' ἑκάς τὸ γήρας·
νέος ἐν νέοις χορεύσω,
Διονυσίης δέ μοι τις
φερῆτω ῥοὰν ὀπώρης,
ἴν' ἴδη γέροντος ἀλκίην
δεδαηκότος μὲν εἰπεῖν,
δεδαηκότος δὲ πίνειν,
χαριέντως τε μανῆναι.

Quando vejo jovens reunidos,
Retorna-me a juventude.
Então, malgrado a minha idade,
Eu tomo asas para a dança
E fico louco, extasiado!
Eu quero uma guirlanda! Dá-me!
A velhice cinza está longe!
Danço: um jovem em meio aos jovens!
O néctar da colheita de
Dioniso alguém me traga agora!
Verá o vigor, então, de um velho
Versado na arte de falar,
Versado na arte de beber
E de ficar louco com graça!

54

ὁ ταῦρος οὗτος, ὦ παῖ,
δοκεῖ τις εἶναι μοι Ζεὺς·
φέρει γὰρ ἄμφι νώτους
Σιδωνίαν γυναῖκα·
περᾶ δὲ πόντον εὐρύν,
τέμνει δὲ κύμα χηλαῖς.
οὐκ ἂν δὲ ταῦρος ἄλλος
ἐξ ἀγέλης λιασθεῖς
ἐπλευσε τὴν θάλασσαν,
εἰ μὴ μόνος ἐκεῖνος.

Este touro me parece
Semelhante a Zeus, garoto.
Leva sobre as suas costas
Uma moça de Sidom
E, ao cruzar o vasto mar,
Com seus cascos corta as ondas.
Nenhum outro touro iria
Longe do rebanho assim,
Navegando sobre o mar:
Nenhum outro senão ele.

στεφανηφόρου μετ' ἦρος
 μέλομαι ρόδον τέρεινον
 συνέταρον ὄξυ μέλπειν.
 τόδε γὰρ θεῶν ἄημα,
 τόδε καὶ βροτοῖσι χάρμα,
 Χάρισίν τ' ἄγαλμι' ἐν ὤραις,
 πολυανθέων Ἐρώτων
 ἀφροδισίων τ' ἄθυρμα·
 τόδε καὶ μέλημα μύθοις
 χαρίεν φυτὸν τε Μουσῶν·
 γλυκὺ καὶ πονοῦντι πείραν
 ἐν ἀκανθίναϊς ἀταρποῖς,
 γλυκὺ δ' αὐτὰ λαβόντι, θάλπειν
 μαλακαῖσι χερσὶ, κοῦφον
 προάγοντ' Ἐρωτος ἄνθος.
 θαλίας τε καὶ τραπέζαις
 Διονυσίαις τ' ἐορταῖς
 δίχα τοῦ ρόδου γένοιτ' ἄν;
 ῥοδοδάκτυλος μὲν Ἡώς,
 ῥοδοπήχεες δὲ Νύμφαι,
 ῥοδόχρους δὲ κάφροδίτα
 παρὰ τῶν σοφῶν καλεῖται.
 ἀσόφω τόδ' αὐτὸ τερπνόν·
 τόδε καὶ νοσοῦσιν ἀρκεῖ,
 τόδε καὶ νεκροῖς ἀμύνει,
 τόδε καὶ χρόνον βιάται·
 χαρίεν ρόδων δὲ γῆρας
 νεότητος ἔσχεν ὀδμήν.
 φέρε δὴ, φύσιν λέγωμεν·
 χαροπῆς ὅτ' ἐκ θαλάττης
 δεδρωσμένην Κυθήρην
 ἐλόχευε πόντος ἀφρῶ
 πολεμόκλονόν τ' Ἀθήνην
 κορυφῆς ἔδειξεν ὁ Ζεὺς,
 φοβερὰν θέαν Ὀλύμπω,
 τότε καὶ ρόδων ἀγητὸν
 νέον ἔρνος ἦνθισε χθῶν,
 πολυδαίδαλον λόχευμα·
 μακάρων θεῶν δ' ὅμοιον
 ρόδον ὡς γένοιο, νέκταρ
 ἐπιτέγξας ἀνέθηλεν
 ἀγέρωχον ἐξ ἀκάνθης
 φυτὸν ἄμβροτον Λυαῖος.

Chegada a Primavera eu vou
 Cantar a respeito da meiga
 Rosa, a sua companheira!
 Pois ela é o hálito dos deuses
 E a alegria dos mortais!
 A glória da estação das Graças
 E o deleite das ricas láureas
 Dos Amores e de Afrodite!
 Ela é matéria de poemas,
 Planta graciosa das Musas!
 É doce achá-la no caminho
 Quando se trilha em meio a espinhos!
 É doce tê-la em mãos macias
 Pra que se aqueça e contra o corpo
 Então passá-la, a flor do Amor!
 O que faríamos nas festas
 E nos banquetes de Dioniso
 Se não tivéssemos a rosa?
 Rosa são os dedos da Aurora.
 Rosa são os braços das Ninfas.
 Rosa é a pele de Afrodite –
 Assim o dizem os poetas.
 A rosa alegre até o banal,
 Assiste quem está enfermo,
 Protege aqueles que estão mortos,
 E desafia o próprio tempo,
 Pois mesmo velha ela conserva
 O seu perfume desde nova.
 Falemos de seu nascimento!
 Quando o mar e as águas cinzentas
 Deram Citéria à luz em meio
 À espuma e unguida em orvalho
 E Zeus gerou de sua cabeça
 Atena do clamor da guerra –
 Visão terrível para o Olimpo –,
 A terra fez maravilhosos
 Brotos de rosa florescerem
 Em forma de botões perfeitos.
 E, para que se assemelhasse
 Aos deuses, Lieu aspergiu
 A rosa com néctar e a fez
 Florescer altiva por sobre
 O espinho, uma planta imortal.

56

ὁ τὸν ἐν πόνοις ἀπειρή,
 νέον ἐν πόθοις ἀταρβῆ,
 καλὸν ἐν πότοις χορευτήν
 τελέων θεὸς κατήλθε,
 ἀπαλὸν βροτοῖσι φίλτρον,
 πόθον ἄστονον κομίζων,
 γόνον ἀμπέλου, τὸν οἶνον,
 ἐπὶ κλημάτων ὀπώρας
 πεπεδημένον φυλάττων,
 ἴν', ὅταν τέμωσι βότρυν,
 ἄνοσοι μένωσι πάντες,
 ἄνοσοι δέμας θεητόν,
 ἄνοσοι γλυκύν τε θυμόν
 ἐς ἔτους φανέντος ἄλλου.

O deus – que, na dificuldade,
 Dá força para quem precisa,
 Coragem para o amor ao jovem,
 Beleza pra quem dança ébrio –
 Desceu e trouxe o vinho pros
 Mortais, o filho da videira,
 Gentil poção do amor que bane
 O desgosto. Ele o mantém
 Preso nos frutos de seus ramos,
 Pra que os homens, colhendo os cachos,
 Mantenham-se todos saudáveis –
 Saudáveis com seus corpos belos,
 Saudáveis com a mente doce –
 Até voltar depois de um ano.

57

ἄρα τίς τόρευσε πόντον;
 ἄρα τίς μανεῖσα τέχνα
 ἀνέχευε κύμα δισκῶ;
 ἐπὶ νῶτα τῆς θαλάττης
 ἄρα τίς ὑπερθε λευκάν
 ἀπαλὰν χάραξε Κύπριν
 νόος ἐς θεοῦς ἀερθείς,
 μακάρων φύσιος ἀρχάν;
 ὁ δέ νιν ἔδειξε γυμνά,
 ὅσα μὴ θέμις δ' ὀράσθαι
 μόνα κύμασιν καλύπτει.
 ἀλαλημένα δ' ἐπ' αὐτὰ
 βρῦνον ὧς, ὑπερθε λευκᾶς
 ἀπαλόχροον γαλήνας
 δέμας εἰς πλόον φέρουσα,
 ῥόθιον πᾶρ' οἶμον ἔλκει.
 ῥοδέων δ' ὑπερθε μαζῶν
 ἀπαλῆς ἔνερθε δειρῆς
 μέγα κύμα πρῶτα τέμνει.
 μέσον αὐλακος δὲ Κύπρις
 κρίνον ὧς ἰοῖς ἐλιχθὲν
 διαφαίνεται γαλήνας.
 ὑπερ ἀργύρου δ' ὀχοῦνται
 ἐπὶ δελφίσι χορευταῖς
 † δολερὸν νόον μερόπων †
 Ἔρος Ἰμερος γελῶν τε,
 χορὸς ἰχθύων τε κυρτὸς
 ἐπὶ κυμάτων κυβιστῶν
 † Παφίης τε σῶμα † παίζει,
 ἴνα νήχεται γελῶσα.

Que artesão forjou o oceano?
 Qual a técnica desvairada
 Que verteu as ondas num prato?
 Quem talhou nas costas do mar,
 Com a mente erguida pros deuses,
 A brancura amena de Cípris,
 Dando início desta maneira
 Para a raça dos imortais?
 Ele a revelou toda nua,
 Com as vagas lhe recobrimdo
 Só o que não se deve mostrar.
 Sobre as ondas ela vagou
 Como as algas, movimentando
 O seu corpo e a pele macia
 Entalhando sulcos no mar
 Ao fazer a sua viagem.
 Sobre os seios róseos e abaixo
 Do seu delicado pescoço,
 Um vagalhão lhe corta a pele.
 Cípris, lá no centro da fenda,
 Como um lírio em meio às violetas,
 Resplandece à calma do mar.
 Para além da prata, o Amor
 Ladino e o Desejo risonho
 Vão montados sobre golfinhos
 Dançarinos, junto de peixes
 De arqueados dorsos, num coro,
 Que mergulham dentro das ondas
 E gracejam perto da Páfia,
 Que entrementes nada risonha.

58

ὁ δραπέτας ὁ Χρυσός
 ὅταν με φεύγη κραυνοῖς
 διηνέμοις τε ταρσοῖς
 (αἰεὶ δ', αἰεὶ με φεύγει),
 οὐ μιν διώκω· τίς γὰρ
 μισῶν θέλει τι θηρᾶν;
 ἐγὼ δ' ἄφαρ λιασθεῖς
 τῷ δραπέτᾳ τῷ Χρυσῷ,
 ἐμῶν φρενῶν μὲν αὔραις
 φέρειν ἔδωκα λύπας,
 λύρην δ' ἑλών αἰείδω
 ἔρωτικὰς ἀοιδάς.
 πάλιν δ' ὅταν με θυμὸς
 ὑπερφρονεῖν διδάξη,
 ἄφω προσεῖπ' ὁ δραπέτας
 φέρων μέθαν μοι φροντίδων,
 ἑλών μιν ὡς μεθήμεν
 λύρης γένωμαί λαροῦ.
 ἄπιστ', ἄπιστε Χρυσέ,
 μάταν δόλοισ με θέλγεις·
 χρυσοῦ πλέον <τὰ> νεῦρα
 πόθους κέκευθεν ἀδεῖς·
 σὺ γὰρ δόλων, σὺ τοι φθόνων
 ἔρωτ' ἔθηκας ἀνδράσιν·
 λύρη δ' ἄλυπα παστάδων
 φιλαμάτων τε κεδνῶν
 πόθων κύπελλα κινᾶ.
 ὅταν θέλῃς δέ, φεύγεις,
 λύρης δ' ἐμῆς ἀοιδᾶν
 οὐκ ἂν λίποιμι τυτθόν.
 ξείνοισι δ' ἀντὶ Μουσῶν
 δολίοις ἀπίστοις ἀνδάνεις.
 ἔμοι δὲ τῷ λυροκτύπῃ
 Μοῦσα φρεσὶν πάροικος·
 ἀχὰν τεὰν ὀρίνοις,
 αἴγλαν τεὰν λαμπρῶνις.

A cada vez que ele foge
 De mim com asas velozes
 De vento, o evasivo Ouro
 (E sempre, sempre ele foge),
 Eu não o persigo, pois
 Quem quer caçar o que odeia?
 Tão logo estou separado
 Dele, do evasivo Ouro,
 As minhas preocupações
 Eu dou pros ventos levarem!
 Tomando a lira então canto
 Canções acerca do amor!
 Porém tão logo me ensina
 O coração a enjeitá-lo,
 Do nada o evasivo fala
 Comigo e torna a me dar
 Ideias ébrias de tê-lo
 E abandonar minha lira.
 Pêrfido, pêrfido Ouro!
 Tu me enfeitiças em vão!
 As cordas, mais do que o ouro,
 Encerram doces desejos!
 Tu dás aos homens o amor
 À inveja e à falcatrúia
 Enquanto a lira mistura
 Inócuas taças de anelos
 Por beijinhos na varanda!
 Quando desejas, tu foges,
 Mas eu jamais deixaria
 A canção da minha lira!
 Tu dás prazer a estrangeiros
 Larápios em vez das Musas!
 Mas a mim, lirista, a Musa
 Mora no meu coração.
 Então, podes lamentar
 E polir esse teu brilho!

59

τὸν μελανόχρωτα βότρυν
 ταλάροις φέροντες ἄνδρες
 μετὰ παρθένων ἐπ' ὤμων,

 κατὰ ληνοῦ δὲ βαλόντες
 μόνον ἄρσενες πατοῦσιν

Sobre os ombros, homens e moças
 Vão levando as uvas de pele
 Negra em cachos dentro de cestos,
 [No caminho ao longo das vinhas,]
 Depois jogam-nas nos tonéis
 Onde os homens as espezinham,

σταφυλήν, λύοντες οἶνον,
 μέγα τὸν θεὸν κροτοῦντες
 ἐπιληνίοισιν ὕμνοις,
 ἐρατὸν πίθοις ὀρώντες
 νέον ἐσζέοντα Βάκχον.
 ὃν ὅταν πίνῃ γεραῖός,
 τρομεροῖς ποσὶν χορεύει
 πολιάς τρίχας τινάσσων.
 ὁ δὲ παρθένον λοχήσας
 ἐρατὸς νέος
 ἐλυσθείς
 ἀπαλὸν δέμας χυθείσαν
 σκιερῶν ὕπαιθα φύλλων
 βεβηρημένην ἐς ὕπνον.
 ὁ δ' Ἔρως ἄρωα θέλγων

 προδότιν γάμων γενέσθαι.
 ὁ δὲ μὴ λόγοισι πείθων
 τότε μὴ θέλουσαν ἄγχει
 μετὰ γὰρ νέων ὁ Βάκχος
 μεθύων ἄτακτα παίζει.

Liberando o vinho dos cachos
 E com clamor saudando o deus
 Com hinos de vindima ao ver
 Como borbulha o adorável
 Baco novo dentro das jarras.
 Quando um homem velho o ingere,
 Ele dança em pés tremebundos,
 Balançando os cachos grisalhos.
 Entretanto, um jovem amável,
 Quando tem deitada à sua espera
 Uma moça [plena de vinho]
 Vacilando ao peso do sono,
 O seu corpo meigo ele abraça,
 Reclinado à sombra das folhas.
 Por sua vez, o Amor [quando bebe]
 Faz feitiços fora do tempo:
 [Uma esposa] trai suas núpcias.
 E um rapaz que falha em seu flerte
 Toma a moça contra a vontade.
 Esses são os jogos sem ordem
 Com que Baco brinca entre os jovens.

60a

ἀνὰ βάρβιτον δονήσω·
 ἄεθλος μὲν οὐ πρόκειται,
 μελέτη δ' ἔπεισι παντὶ
 σοφίης λαχόντ' ἄωτον.
 ἐλεφαντίνῳ δὲ πλήκτρῳ
 λιγυρὸν μέλος κροαίνων
 Φρυγίῳ ῥυθμῶ βοήσω,
 ἄτε τις κύκνος Καῦστρου
 ποικίλον πτεροῖσι μέλπων
 ἀνέμου σύναυλος ἤχη.
 σὺ δέ, Μοῦσα, συγχόρευε·
 ἱερὸν γάρ ἐστι Φοῖβου
 κιθάρη, δάφνη τρίπους τε.
 λαλέω δ' ἔρωτα Φοῖβου,
 ἀνεμῶλιον τὸν οἴστρον·
 σαόφρων γάρ ἐστι κούρα·
 τὰ μὲν ἐκπέφευγε κέντρα,
 φύσεως δ' ἄμειψε μορφήν,
 φυτὸν εὐθαλὲς δ' ἐπήχθη·
 ὁ δὲ Φοῖβος, ἦε, Φοῖβος,
 κρατέειν κόρην νομίζων,
 χλοερὸν δρέπων δὲ φύλλον
 ἐδόκει τελεῖν Κυθήρην.

Eu farei as cordas vibrarem,
 Não por conta de um campeonato,
 Mas por ser uma arte que todos
 Os poetas devem saber.
 Com meu plectro de marfim eu
 Tocarei as notas mais claras,
 E num ritmo frígico eu irei
 Bradar feito um cisne do Caistro,
 Com asas ao vento, cantando
 Uma melodia complexa.
 E tu, Musa, dança comigo!
 Pois pra Febo a lira e o louro
 E o tripé são todos sagrados.
 A paixão de Febo é meu tema:
 Um desejo não saciado,
 Pois a moça se mantém casta,
 Escapando do seu ferrão,
 Tendo o corpo sido tornado
 Numa planta bem vicejante.
 Porém Febo, Febo então veio
 E pensando ser seu senhor
 Arrancou-lhe as folhas, supondo
 Que fazia os ritos Citérios.

60b

ἄγε, θυμέ, πῆ μέμνηας
 μανίην μανείς ἀρίστην;
 τὸ βέλος, φέρε, κράτυνον,
 σκοπὸν ὡς βαλὼν ἀπέλθης.
 τὸ δὲ τόξον Ἀφροδίτης
 ἄφες, ὡς θεοὺς ἐνίκα.
 τὸν Ἄνακρέοντα μιμοῦ,
 τὸν ἀοίδιμον μελιστήν.
 φιάλην πρόπιπε παισίν,
 φιάλην λόγων ἑρανίην·
 ἀπὸ νέκταρος ποτοῖο
 παραμύθιον λαβόντες
 φλογερὸν φυγόντες ἄστρον.

Coração, por que te enlouqueces
 Co' a melhor loucura de todas?
 Vamos! Joga longe essa lança,
 Para que acertando tu partas!
 Abandona o arco com que
 Afrodite venceu os deuses.
 Imitando o bardo famoso,
 Anacreonte, faz um brinde
 Aos moços e bebe essa taça,
 Tua amável taça de palavras!
 Contentemo-nos com o néctar
 Da bebida, evitando a estrela
 Cuja luz refulge escarlate.

60B

φέρ' ὕδωρ, φέρ' οἶνον, ὦ παῖ·
 μέθυσόν με καὶ κάρωσον·
 τὸ ποτήριον λέγει μου
 ποδαπὸν με δεῖ γενέσθαι.

Traz água, traz vinho, menino.
 Me embebeda e me estupefaz!
 Pois é meu copo quem me diz
 Aquilo que será de mim.

61B

τί με φεύγεις τὸν γέροντα;

Por que foges de mim, de um velho?

62B

δοκέει κλύειν γὰρ ἤδε,
 λαλέειν τις εἰ θελήσῃ.

Pois ela parece escutar
 Se alguém deseja conversar.

REFERÊNCIAS

- Antunes, C. Leonardo B. 2014. "Métrica, rítmica e tradução das Anacreônicas". *Alethéia* (Goiânia) 9:1-11.
- Ateneu. 1966. *Deipnosophistae*. Ed. Kaibel, G. Leipzig: Teubner.
- Campbell, David A. 2001. *Greek Lyric II*. Cambridge/London: Harvard University Press.
- Drachman, A. B. 1997. *Scholia Vetera in Pindari Carmina*. Vol. II. Lipsiae: Teubner.
- Estobeu. 1958. *Anthologium*. Ed. C. Wachsmuth & O. Hense. Berlin: Weidmann.
- Himério. 1951. *Declamationes et orationes*. Ed. A. Colonna. Rome: Polygraphica.
- Oliva Neto, J. A.; Guerini, A.; Costa, W. 2010. "Entrevista com João Angelo Oliva Neto." *Cadernos de Tradução* (UFSC) 25:261-77.
- Platão. 1969. *Plato in Twelve Volumes*, tradução de Paul Shorey. Cambridge: Harvard University Press.



Title. *Anacreonta* and the image of Anacreon in ancient times.

Abstract. The image we have of the greek poets is closely related to the stories attributed to them and to the interpretations that the ancients made of their poetry. In order to briefly line out the image of Anacreon, I present a poetic translation of the so-called *Anacreontea*, an anthology of poems in the manner of (or paying homage to) Anacreon, introduced by a small selection of poems about the poet from Teos. Although they are more likely to be the product of legend than an accurate account of the poet's life and personality, these poems are relevant as a means to glimpse at what might have been the image of Anacreon in ancient times.

Keywords. Anacreon; *Anacreontea*; Greek Lyric; Poetic Translation.